



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

AKEME FERNANDA DA SILVA SOUSA

**O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Brasília

2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

AKEME FERNANDA DA SILVA SOUSA

**O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO**

Monografia apresentada como requisito parcial
de conclusão de curso de Licenciatura em
Filosofia na Universidade de Brasília.

Orientador: Agnaldo Cuoco Portugal

Brasília

2021

AKEME FERNANDA DA SILVA SOUSA

O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Monografia apresentada como requisito parcial
de conclusão de curso de Licenciatura em
Filosofia da Universidade de Brasília.

Dissertação aprovada em 09 de novembro de 2021

Banca examinadora:

Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal

Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula

A Maria da Conceição da Silva Ximenes e Dionísio
Pereira de Sousa.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a minha caminhada até o presente momento, entretanto houveram pessoas essenciais para que este presente trabalho fosse posto no papel. Em primeiro lugar agradeço a Deus por toda a sabedoria, paciência e auxílio durante toda a minha caminhada até este presente momento e em especial nos últimos cinco anos. Agradeço também a Universidade de Brasília pela disponibilização de espaços e principalmente de professores que me ofereceram a melhor educação possível, acesso a conteúdos essenciais para a minha formação enquanto educadora e enquanto pessoa.

Agradeço especialmente ao meu professor e orientador Agnaldo Cuoco Portugal por todas as disciplinas ofertadas durante esses cinco anos, em especial Filosofia da Religião no segundo semestre de 2019 antes deste período de pandemia, que contribuíram grandemente para a escolha do tema e sobretudo de um orientador para ser meu guia durante todo este processo. Agradeço a todos os meus colegas de curso que me proporcionaram importantes experiências de descoberta no campo educacional que levarei para toda a vida.

Por fim, agradeço aos meus pais Maria da Conceição da Silva Ximenes e Dionisio Pereira de Sousa por todo o apoio e suporte incondicionais oferecidos durante minha graduação, ao meu irmão Luis Fernanda da Silva Sousa por todos os conselhos durante os momentos de angústia. Separo também uma parte dos meus agradecimentos a minha amiga Letícia Firmino por todos os conselhos, apoio e por todos os momentos de alegria e descontração durante a graduação e durante a confecção deste trabalho.

RESUMO

O tema desta monografia é a relação estabelecida entre ciência e religião, onde entre seus objetivos principais estão atrelados a discussão de ambas as posições a favor e contra um conflito, e por fim a elucidação da real existência de um embate entre ambas as áreas. Com relação ao primeiro objeto, busca-se apresentar a posição de importantes autores da área de Filosofia da Religião como Bertrand Russell e Alvin Plantinga acerca das relações estabelecidas entre ciência e religião, sendo Russell um autor a favor da ideia de um conflito, com a ciência saindo-se com elevado status de aprovação, em detrimento da religião, esta que busca apenas formas de manter a sua influência secular iniciada durante a Idade Média e Plantinga um autor contrário a ideia de um conflito, que examina sobretudo a influência da religião na construção e desenvolvimento do intelecto, este que expõe que grande parte das lacunas encontradas nas teorias científicas podem ser facilmente preenchidas pela religião. Em relação ao segundo tópico, a perspectiva de Plantinga torna-se vital para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que a religião não apresenta apenas respostas místicas, ela apresenta antes fundamentação teórica-racional, capaz de fornecer conhecimentos precisos acerca da sua área de atuação, levando a conclusões firmes acerca do tema deste trabalho.

Palavras-chave: Deus, ciência, religião, evolução, razão, milagres;

ABSTRACT

The subject of this dissertation is the relationship established between science and religion, where among its main objectives are the discussion of the both positions for and against a conflict, and finally the elucidation of the real existence of a conflict between both areas. With regard to the first object presented, we seek to present the position of important authors in the area of philosophy of religion such as Bertrand Russell and Alvin Plantinga on the relations established between science and religion, with Russell being an author in favor of the idea of conflict, with science leaving itself with a high status of approval, to the detriment of religion, which seeks only ways to maintain its secular influence started during the middle ages and Plantinga an author contrary to the idea of a conflict, which mainly examines the influence of religion on the construction and development of the intellect, which exposes that a large part of the gaps found in scientific theories can easily be filled by religion. In relation to the second topic, the Plantinga perspective, becomes vital for the development of this work, since religion does not only present mystical answers, it presents a theoretical-rational foundation, capable of providing precise knowledge regarding its area of acting, leading to firm conclusions about the theme of this work.

Keywords: God, science, religion, , evolution, reason, miracles;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. ARGUMENTOS PRÓ-CONFLITO: TRÊS MARCOS HISTÓRICOS.....	12
1.1. Identificando as bases do conflito: características gerais.....	12
1.2. A Revolução Copernicana.....	16
1.3. Evolução.....	18
1.4. A Alma.....	22
2. DESCONSTRUINDO A IDEIA DE UM CONFLITO.....	25
2.1. Construção histórico-filosófica da ciência e religião.....	25
2.2. Conflito ou mito?.....	33
2.3. Revolução Copernicana e Galileu Galilei.....	39
2.4. A evolução apresenta um design.....	42
3. CIÊNCIA E RELIGIÃO: A EXISTÊNCIA DE UM DIÁLOGO.....	44
3.1. Os responsáveis pela ideia de um conflito.....	44
3.2. A ciência pode anular a religião?.....	48
3.3. O Naturalismo gera um conflito?.....	59
CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação são as relações estabelecidas entre ciência e religião no campo da Filosofia da Religião. Entre os seus objetivos principais estão: realizar uma análise histórica dos contextos em que se desenvolveram ambas dentro do campo filosófico, compreender quais motivos levaram a construção de uma ideia de conflito ao longo da história e responder a questão principal que se apresenta como pilar desta dissertação *há um conflito?*.

A história da religião pode facilmente ser encontrada nas práticas realizadas pelas populações desde a origem da humanidade em conjuntos ou grupos de pessoas, através da realização de rituais, celebrações e construção de mitos em torno da origem do mundo e dos próprios indivíduos. Suas Escrituras apresentam histórias capazes de desvendar os *grandes mistérios* que cercam a natureza e a curiosidade dos seres humanos, indo desde a criação e conservação do mundo, até explicações sobre a existência do mal no mundo e previsões sobre um futuro não distante. Na literatura, sobretudo sob a ótica de historiadores, a religião pode é caracterizada como uma construção social, onde as crenças e sobretudo a construção de figuras divinas tem o intuito de melhorar as relações estabelecidas entre os indivíduos, além de criar mitos que explicam importantes questões para os indivíduos que não creem ou desconhecem os ensinamentos das ciências. Enquanto campo multifacetado a filosofia acolhe e estuda a religião como um de seus temas centrais, a Filosofia da Religião explora com afinco todas as questões trazidas pela mente humana acerca do sobrenatural e como elas se refletem no mundo, e de igual forma como a atuação de seres sobrenaturais podem ou não influenciar na conservação do mundo e no comportamento das pessoas.

A ciência assim como a religião, surge a partir de práticas realizadas em conjuntos ou grupos, contudo, essas práticas privilegiam o uso da razão como instrumento principal em seu processo de conhecimento. A ciência se utiliza acima de tudo da razão e de todos os instrumentos que esta fornece. O método experimental fornece respostas seguras para aquele que o desenvolve e para todos aqueles que posteriormente desejam conhecer e desenvolver suas próprias teorias. Com os avanços tecnológicos proporcionados pelo progresso das ciências, as suas aplicações obtiveram uma alta consideração dentro da sociedade, principalmente entre os grupos mais influentes, detentores em grande parte de poderes e influência social, o que colocou a ciência nos mais elevados patamares de prestígio social.

Com os intensos avanços da ciência, o conceito de *progresso* tornou-se uma das palavras de maior importância no desenvolvimento da história. A ciência constantemente explora e apresenta novidades quanto ao seu campo de atuação, nunca se mostra estática, está sempre em

constante avanço. Apesar de parecer feita, as religiões também se desenvolvem constantemente na linha do tempo, suas diferentes interpretações e aplicações se modificam de acordo com as práticas e ensinamentos de cada população, e da mesma forma se modificam de acordo com o tempo e com as crenças de cada tempo. Historicamente ciência e religião se desenvolveram separadamente, cada uma em sua área e campo específicos, diferentes interpretações surgiram quanto às relações estabelecidas entre ambas, interpretações estas que exaltam um conflito onde a ciência sai invariavelmente como vitoriosa, interpretações que exaltam um trabalho conjunto entre as duas, colocando inclusive a religião como uma das principais apoiadoras ao desenvolvimento das ciências, e até mesmo interpretações que estabelecem uma completa separação e ausência de contato entre ambas as áreas.

Tem-se então com objetivo principal analisar todos estes diferentes contextos, sobretudo aqueles que exploram a existência de um conflito e os que estabelecem a inexistência do mesmo, buscando através de diferentes obras e narradores dialogar com os textos e na tentativa de descobrir se o conflito de fato existe e está posto historicamente a sociedade, ou se a sua construção não é fictícia, buscando apenas privilegiar uma posição em detrimento de outra.

No primeiro capítulo, iremos analisar as posições que privilegiam o desenvolvimento das ciências e a colocam em conflito direto com a religião. Dessa perspectiva, encontramos sobretudo nos textos e falas de autores fatos e pontos cruciais que não apresentam um desenvolvimento coerente por parte da religião que seja capaz de oferecer respostas precisas e sobretudo científicas como desejam. A atuação de figuras sobrenaturais, a ocorrência de milagres e sobretudo a existência de uma substância imaterial como a alma desqualificam todos os conhecimentos trazidos pela religião pela sua falta de cientificidade e utilização dos meios racionais para o desenvolvimento de suas teorias e métodos. Sob perspectiva desses autores, a ciência é acima de tudo antirreligiosa, seus métodos e aplicações são exclusivamente racionais, não dando qualquer abertura para o desenvolvimento de conhecimentos dados como místicos, colocando em evidência a existência de um conflito.

O segundo capítulo traz em oposição ao primeiro uma análise das aplicações da religião e a exploração de um trabalho conjunto. Analisados contextos históricos, empreende-se que ciência e religião nunca entraram em conflito direto devido as suas implicações teóricas, ambas não se constroem com o objetivo de contrapor-se. A religião com suas especificidades foi colocada como principal influenciadora a desaprovação e depreciação das ciências, negando as suas práticas e aplicações por receio que o seu desenvolvimento fosse capaz de minar qualquer possibilidade de manutenção e da própria sobrevivência das Igrejas, contudo, analisando diferentes obras sobre os mesmos temas, inclusive contextos, é levantada a dúvida acerca da

veracidade deste papel desenvolvido pela religião, já que as suas Instituições apresentaram-se por longos séculos como principais apoiadoras e sobretudo financiadoras de todo este processo de desenvolvimento das ciências e suas aplicações. De igual forma, a ciência não busca perseguir ou caracterizar a religião como misticismo inútil, mas antes reconhece as suas aplicações e desenvolve estudos acerca de seus mais notáveis feitos, consagrando importantíssimos trabalhos conjuntos que trazem ao leitor uma identificação com ambas as áreas.

Por fim, no terceiro capítulo, há uma breve discussão acerca dos reais responsáveis pela construção de um conflito. De início serão debatidos quais os reais influenciadores acerca de um conflito entre ciência e religião finalizando o assunto iniciado pelo capítulo anterior, e é apresentado um novo tópico a discussão quando o Naturalismo metodológico é colocado como parte integrante a esta ideia de conflito, o que decorre em grande parte das suas aplicações voltadas exclusivamente para o campo das ciências em especial na aplicação das leis da natureza, estas que enaltecem o desenvolvimento de teorias exclusivamente físicas e que apresentam em seu desenvolvimento uma visão exclusivamente antirreligiosa.

1. Argumentos pró-conflito: três marcos históricos

1.1. Identificando as bases do conflito: características gerais

Durante muitos séculos do desenvolvimento da história, acreditou-se que as áreas da ciência e a religião travariam um conflito eterno principalmente diante de suas especificidades. Ciência e religião apresentam diferenças marcantes em seu processo de identificação teórica, contudo, a mais notória está em suas bases de construção, onde a religião se baseia em dogmas e ensinamentos voltados para a fé que o indivíduo detém em figuras místicas, as chamadas divindades. A ciência se apresenta como oposta, ao firmar as suas bases em conhecimentos considerados “sólidos” através da construção de teorias que permitem a sua comprovação através dos processos de experimentação. A ideia de um conflito ganha mais notoriedade na modernidade, está que busca principalmente valorizar o extenso desenvolvimento alcançado pelas ciências no decorrer dos séculos, e trazer descrédito a religião, esta que não apresenta diante da modernidade o conceito de “progresso” sobretudo no desenvolvimento tecnológico que beneficia a humanidade moderna, tão bem definido e progressivo quanto os conhecimentos científicos que a cada dia alcançam limites extraordinários do desenvolvimento racional. Para entender as origens dessa ideia moderna, é necessário retornar no tempo e entender quais motivos levaram a história a propagar um conflito, quais os principais argumentos em prol de um embate entre as duas áreas que será construído principalmente pela obra *Religião e Ciência* de Bertrand Russell, importante autor a explorar a ideia de um conflito.

Desde a construção social do indivíduo em sociedade, ciência e religião são áreas de grande importância para a formação de uma identidade sócio-cultural, porém o crescente desenvolvimento tecnológico e a busca por verdades comprovadamente universais consagrou a ciência em um patamar superior a religião diante de suas incontestáveis evidências físicas e racionais, colocando a religião como opositora ao progresso e defensora de suas crenças, o que levou a atritos quanto à superioridade ou inferioridade de uma área em detrimento da outra “A partir daí aparece claro que o problema atual da relação entre ciência e religião é uma *modalidade* do problema mais fundamental com que a civilização ocidental se defrontou desde os seus inícios: o problema da transposição de horizontes da religião em horizonte da razão demonstrativa.” (HERRERO, 1986, p.237). É fato, que pouco se conhece de concreto acerca da

criação do mundo e sobre a motivação de muitos outros temas através da religião e de suas crenças, e é justamente nesse ponto que ocorre uma tentativa de categorização da ciência como superior por diversos autores e historiadores através da idealização de um conflito, que coloca o conhecimento científico como peça-chave da razão para a idealização de respostas mais seguras

A ciência é a tentativa de descobrir em primeiro lugar, através da observação e raciocínio, certos fatos sobre o mundo e conseqüentemente as leis que conectam os fatos entre si e (nos casos bem sucedidos) tornando possível a previsão de ocorrências futuras. Conectada com este aspecto teórico da ciência, há a técnica científica, que utiliza conhecimento científico para oferecer conforto e luxo que até então eram impossíveis, ou pelo menos muito mais dispendiosos na era pré-científica. (RUSSELL, 2009, p.02).

Segundo Russell, quando analisada sob um aspecto social, a religião se torna um fenômeno mais complexo que a ciência, já que a sua aplicação remete a fatores que se diversificam de acordo com cada ramificação que as suas crenças alcançam “Cada uma das grandes religiões históricas possui três aspectos: (1) uma Igreja, (2) uma crença e (3) um código pessoal e padrão de conduta. A relativa importância destes três elementos têm variado enormemente em tempos e lugares distintos.” (RUSSELL, 2009, p.02).

Seriam as crenças e os dogmas construídos pelo conhecimento religioso os principais agentes causadores desse conflito, já que a religião é vista por muitos autores, inclusive Russell, apenas como uma construção histórico-social dos conceitos de ética e moralidade, que indevidamente busca construir conhecimentos a partir da fé. A ciência por outro lado, foi capaz de construir ao longo da história importantes conhecimentos teóricos que em curtos ou longo espaços de tempo forneceram importantes contribuições para o desenvolvimento humano em todas as suas áreas, utilizando-se exclusivamente da *razão*

Uma crença religiosa difere de uma teoria científica ao alegar a incorporação plena de uma verdade eterna, ao passo que a ciência é sempre experimental, esperando que as modificações em suas teorias atuais, mais cedo ou mais tarde sejam necessárias e ciente de que seu método é um daqueles logicamente incapaz de chegar numa demonstração final e completa. (RUSSELL, 2009, p.06).

Os constantes avanços tecnológicos enfatizam a predominância da ciência em relação à religião ao tratarem das mesmas problemáticas, a partir de métodos que contradizem a fé “Mas com o surgimento da nova ciência, essa unidade passa a ser questionada. Pois novos resultados científicos entram em conflito com certos elementos ligados à interpretação antiga da fé. Começa aí uma forma típica de conflito entre ciência e religião.” (HERRERO, 1986, p.237). Todo esse processo é decorrente de momentos em que a humanidade bateu de frente com a inegável arrogância de indivíduos que se apresentaram como representantes da fé e dos

mandamentos divinos ao buscar respostas acerca dos males e moléstias que afligem os seres humanos, e obtinham como respostas a alegação da falta ou redução de sua fé

As doenças algumas vezes eram consideradas uma manifestação divina para a punição do pecado, mais com maior frequência, obra de demônios, que poderiam ser curadas pela intervenção de santos em pessoas ou através de relíquias sagradas; por orações ou por peregrinações; ou (quando decorrente de demônios) por exorcismo e por tratamentos que os demônios (e o paciente) achavam abomináveis. (RUSSELL, 2009, p.59).

Especialmente na Idade Média, a história ocidental sofreu grandes impactos devido ao fervor religioso da época, caracterizadas por inúmeras curas através da *fé*, salvação através de relíquias religiosas e em especial a ocorrência dos chamados *milagres* a situações dadas como impossíveis e sem resolução “Tanto os católicos quanto os protestantes acreditavam em curas milagrosas. Na Inglaterra, o toque do rei curava o que era conhecido como “o mal do rei”, e Charles II, um monarca religioso, tocou cerca de 100.000 pessoas.” (RUSSELL, 2009, p.67). As famosas invasões bárbaras, as guerras, a economia centralizada na agricultura dentro dos feudos ocasionou a denominação de “Idade das Trevas” por parte de historiadores do chamado Iluminismo a este período, que somada à grande influência exercida pela Igreja (em especial a Católica), acabaram culminando em crenças de que tais Instituições teriam intenções especiais de barrar ou extinguir o desenvolvimento das ciências e suas aplicações, em detrimento das práticas ritualísticas da religião em estabelecer uma ordem de poder divino. “A anatomia, considerada desumana, tanto porque poderia interferir na ressurreição do corpo, quanto porque a Igreja abominava o derramamento de sangue e a dissecação, era virtualmente proibida, em consequência de uma má interpretação da bula papal de Bonifácio VIII.” (RUSSELL, 2009, p.64). A utilização de técnicas nunca vistas antes, somadas ao medo do desconhecido, trouxe ao medievo uma forte crença em rituais de magia negra e práticas de bruxaria. Tais processos não chegaram de fato a ser proibidos completamente pela religião, contudo, a adoção de contextos específicos fez que a religião fosse utilizada como prerrogativa ao forte preconceito da época, em especial dos clérigos diante da crença de que estes processos de investigação trariam a ira de Deus não só aos praticantes, mas contra todos que se mostraram de alguma forma apoiadores ou coniventes com tais procedimentos. A fé é a principal ferramenta do crente, apenas ela fornece a cura, a libertação e a salvação de todos os males que afligem os indivíduos, logo todo procedimento que se utilizasse da razão em detrimento da fé era prontamente alvo deste preconceito, já que até as situações mais difíceis poderiam ser superadas através dos *milagres*, criando a ideia de que o ataque da religião à ciência, advém da crença que estes processos criam problemas éticos e políticos, o que obrigaria os homens a reestruturar

todas as suas tradições para que se adequassem aos princípios de racionalidade, e oferecendo de alguma forma riscos ao poder exercido pela Igreja durante a Idade Média, esta vista como uma Instituição de poder secular

O progresso da ciência cria, assim, através de um prolongamento técnico, graves problemas políticos e éticos. Políticos, porque a investigação se tornou um instrumento privilegiado de poder. Cada vez mais é o poder político que determina a investigação científica, seus planos de organização, seus meios, seus objetivos e seus limites. Éticos, porque a ampliação mesma das repercussões das descobertas modernas sobre as relações humanas coloca o homem diante de uma alternativa: ou a lógica da racionalidade técnica se impõem sobre a ética, - e então o único princípio regulador será o da expansão sem limites do poder - ou a humanidade terá de fazer um verdadeiro esforço de invenção moral para ajustar seus novos poderes aos ideais humanos que a tradição nos legou. (HERRERO, 1986, p.239).

Historicamente a Igreja foi largamente retratada como uma Instituição com grande influência política e econômica, era responsável por atuar em conjunto com os reis e governantes em todas as decisões acerca do bem comum e de suas relações com outros reinos e países, o seu poder poderia inclusive ser mais influente que os poderes dos próprios reis. A ciência por outro lado, não se constrói com o objetivo central de negar às demais áreas, seu objetivo principal é realizar através de seus métodos e experimentos, caminhos até as respostas que apresentem segurança de alguma forma, e é justamente a sua necessidade de aceitação, que ocasiona uma busca incessante de um posicionamento a favor da racionalidade e/ou misticismo sobre o qual a religião manteria as suas bases

Descobertas científicas sucessivas fizeram com que os cristãos tivessem que abandonar, uma após a outra, as crenças que a Idade Média considerava partes integrantes da fé, e estes sucessivos recuos permitiram que os homens da ciência se mantivessem cristãos, a menos que seus trabalhos estivessem assentados na fronteira da discussão que o conflito atingiu em nossos dias. (RUSSELL, 2009, p.130).

Em sua jornada de construção de conhecimento, o estudo e a elaboração de crenças traz ao indivíduo a construção de valores individuais e sociais, alcançados através de experiências pessoais com figuras divinas, experiências estas que, enquanto pessoais, não permitem a sua repetição, análise, estudo ou valoração de seu grau de inteligibilidade, caracterizando o que a ciência denomina de *místico*, uma espécie de fervor religioso que abandona a razão em detrimento de uma fé incapaz de fornecer fundamentos concretos para suas crenças. É necessário aos estudiosos do campo da ciência estabelecer fronteiras entre o campo racional e o campo da fé, onde a ciência bate de frente e se encontra indiscutivelmente acima da religião, já que as experiências pessoais constroem experiências individuais e não conhecimentos de fato

Quando um homem da ciência nos relata o resultado de um experimento, também relata o procedimento para sua realização, assim, outros podem repeti-lo, e se não há confirmação do resultado, este não pode ser aceito como

verdadeiro. Todavia muitos pensam que podem aceitar que houve a ocorrência de uma visão mística sem a obtenção da mesma revelação. (RUSSELL, 2009, p.134)

A ciência se comporta assim como uma empresa de capital fechado, que depende exclusivamente de seus recursos particulares para a sua própria sobrevivência e para se manter no mercado, recursos estes enfatizados pelas inúmeras possibilidades de repetição de seus processos, visando alcançar assim como as empresas presentes no mercado, “resultados concretos”, e não a formação de um acordo de credibilidade entre uma parte ativa e várias outras partes que sequer presenciaram a experiência em si

Ora, na medida em que a ciência abre essa perspectiva de uma objetivação radical da experiência, que pode ser estendida ao conjunto de experiências, *i.é.*, na medida em que ela abre uma perspectiva universal, ela tende a se impor como perspectiva *única* sobre o universo como modo de experiência absolutamente fundamental. E se essa atitude científica aparece como atitude verdadeiramente razoável e justificável, então o sentido que ela projeta não é mais um sentido novo ao lado de outros, mas ele se torna o único sentido possível. (HERRERO, 1986, p.240).

1.2. A Revolução Copernicana

Diante de seus conceitos pouco defendidos racionalmente, a religião é muitas vezes caracterizada como *maléfica*, uma vez que tem entre os seus objetivos principais garantir a elevação de suas crenças, minar a possibilidade de desenvolvimento dos métodos de experimentação, principalmente por receio de negar essas crenças, que são os pilares de sustentação da religião “Nos alvares da ciência moderna o conflito entre ciência e religião era um conflito particular restrito a determinados conteúdos das representações do mundo cristão;” (HERRERO, 1986, p.240). Todo esse processo foi amplamente defendido por historiadores em análises do curso histórico de desenvolvimento da humanidade, que apresentaram momentos cruciais no desenvolvimento da ciência.

Os primeiros marcos históricos que colocam a religião como opositora da ciência surgem principalmente em duas áreas. A primeira é a astronomia, que buscava elucidar qual astro se encontrava no centro do universo conhecido a partir do século XVI. Através dos estudos iniciados na Antiguidade Clássica e adotados posteriormente por astrônomos durante a Idade Média como Ptolomeu, descrevia um sistema completamente centrado para a importância do ser humano, colocando a Terra no centro do universo, e os demais planetas e astros realizavam movimentos circulares ao seu redor. Posterior a Ptolomeu, Nicolau Copérnico apresentou um sistema completamente inovador para a sua época ao ilustrar a Terra não em lugar de destaque

no centro, mas sim o Sol em um dos focos centrais. Através das interpretações dos textos sagrados, as religiões possuem ideias bem formuladas do surgimento e desenvolvimento do universo, e da criação mais perfeita de Deus, *o homem*

A importância do homem é uma parte essencial do ensinamento tanto do Velho quanto do Novo Testamento; realmente o propósito de Deus na criação do universo parece ter sido concebida em relação aos seres humanos. As doutrinas da Encarnação e Redenção não poderiam ser prováveis se o Homem não fosse a criatura mais relevante. (RUSSELL, 2009, p.14).

Principalmente nas tradições católicas e protestantes, que alinham a bondade e o amor de Deus para com suas criações e, o mais importante, o sacrifício de seu único filho para a absolvição de todos os pecados da humanidade, retrata-se nos textos sagrados a importância que suas criações possuem para seu Criador, ocasionando uma interpretação equivocada de que o ser humano seria a figura central em todas as ações e decisões de Deus em relação ao universo. Por esse motivo, a retirada da Terra de seu lugar anterior no centro, projeta uma imagem de desqualificação da humanidade que anteriormente lhe foi dado. Logo, mesmo que essa não tenha sido a intenção principal de Copérnico, a imagem de uma destronização do ser humano foi associada a sua teoria” Agora não há nada na astronomia de Copérnico que *prove* que somos menos importantes do que pensamos ser, mas a destronização de nosso planeta da sua posição central sugere uma imagem de igual destronização de seus habitantes.” (RUSSELL, 2009, p.14). Apesar das insistências da Igreja, a teoria de Copérnico ainda sim foi discutida e aceita pelo campo da astronomia e explorada por muitos pesquisadores posteriormente. Foram os estudos de Galileu Galilei, no entanto, que acabaram de fato com uma ideia antropocêntrica de universo, possível através da reformulação do telescópio e desenvolvimento de estudos que determinaram através de provas que a Terra não se encontrava de fato ao centro, logo, todas as teorias antes baseadas em suposições foram cientificamente comprovadas por Galileu e as verdades antes descritas pela Igreja eram completamente diferentes da realidade, ocasionando a ira dessa Instituição, já que seus estudos foram capazes de comprovar não somente a verdade da teoria de Galileu, mas pontos desconhecidos que poderiam ferir a integridade do trabalho de criação realizado por Deus

Descobriu-se que havia montanhas na lua, o que por alguma razão, foi considerado chocante. Ainda mais apavorante, o sol tinha manchas! Isso demonstrava que o trabalho do Criador possuía máculas; os professores das Universidades Católicas foram proibidos de mencionar as manchas do sol e em algumas delas, esta proibição permaneceu por séculos. (RUSSELL, 2009, p.24).

As proibições da divulgação desses trabalhos passam a retratar a Igreja como uma instituição impiedosa, capaz de perseguir e destruir quaisquer ações que de algum modo apresentem perigo

às suas crenças ou de alguma forma alterem as ordens de poder estabelecidas através das Sagradas Escrituras “A pedido do Papa, todos os livros que professavam que a Terra se movia foram imediatamente colocados no Índice; e pela primeira vez o próprio trabalho de Copérnico tinha sido condenado. Galileu se retirou para Florença e por um tempo viveu retraído, evitando ofender seus inimigos vitoriosos.” (RUSSELL, 2009, p.25). Diante das proibições impostas, a ciência se apresentou como resistência no processo de construção histórica, garantindo o seu espaço de atuação apesar das constantes investidas da Igreja.

1.3. Evolução

Enquanto figuras sociais, os indivíduos, para além de suas necessidades básicas de sobrevivência como alimentação e socialização, são naturalmente seres que buscam o conhecimento acima de todas as coisas, por isso, a ciência se tornou prontamente uma ferramenta de alto interesse e aceitação popular. Por muito tempo a religião foi a única forma de explicar o mundo e todos os eventos que nele ocorrem, por isso, esse alto interesse científico, sobretudo em relação aos processos de origem da vida, foram vistos como um risco iminente ao poder de influência exercido pela Igreja.

Além de suas palavras capazes de gerar alento e cuidado, os textos religiosos buscam elucidar os processos de origem e criação da vida e quais seriam as intenções do Criador ao realizar tais ações “A história das sociedades humanas mostra que a religião sempre teve uma função integradora de todos os elementos que compõem a sua vida. O homem é um ser simbólico, e, como tal, tem necessidade de dar um sentido à sua vida em todas as suas dimensões, sejam quais forem as circunstâncias materiais em que se encontra.” (HERRERO, 1986, p.242). Na construção do evangelho cristão, a partir da grandiosidade de seu poder, Deus foi capaz de criar o mundo e tudo o que nele existe em apenas seis dias, e através de sua sabedoria, foi capaz de estabelecer leis que governassem o universo de acordo com seus ordenamentos. “A partir de Newton o século dezoito adquiriu sua marca singular de devoção, no qual Deus aparecia essencialmente como Legislador, primeiro criando o mundo e depois as leis que determinavam todos os eventos vindouros, sem qualquer necessidade de Sua intervenção especial.” (RUSSELL, 2009, p.36). A influência da religião, e especialmente da figura divina de um Deus foi tão ampla que todas as áreas, como a social e próprio conhecimento, sobretudo científico, deveriam atender e corresponder às expectativas da teologia. A criação, desenvolvimento e estudo dos planetas, das rochas e dos seres vivos

deveriam trazer associações às Sagradas Escrituras e um aprofundamento das questões apresentadas por Deus em momentos importantes de sua atuação no mundo, e seu descumprimento não acarretaria em sanções punitivas apenas em Instituições clericais, mas ocasiona em grande parte a exclusão de seus autores no ambiente acadêmico e a desvalorização de seus trabalhos, como exposto por Russell em uma passagem de seu texto ao citar a retratação feita pelo naturalista Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, autor do livro *História Natural*:

Buffon não julgava apropriado entrar em controvérsia com Sorbonne. Ele se retratou e foi obrigado a publicar a seguinte confissão: “Declaro que não tive intenção em contradizer os textos das Escrituras; que acredito firmemente em tudo relacionado à criação, tanto em ordem de tempo como também em evidência dos fatos; rejeito tudo em meu livro a respeito da formação da Terra e, em geral, tudo que possa ser contrário à narração de Moisés. (RUSSELL, 2009, p.43).

A ciência encontra na biologia questionamentos extremamente importantes para entender os processos de criação da vida e dos seres humanos, processos estes que dificultaram o estabelecimento de uma ponte de integração entre ciência e religião, principalmente diante da evidência das centenas de animais catalogados em estudos científicos que sequer apareciam nas descrições da Bíblia, e os estudos referentes às estruturas das rochas e da formação das estruturas presentes no meio ambiente, quando comparadas à ordem cronológica adotada por clérigos

O progresso que se seguiu da Geologia está atrelado ao da Biologia, devido ao grande número de formas extintas de vida, das quais os fósseis guardam registros. Quanto à antiguidade do mundo, a geologia e a teologia poderiam concordar que os seis “dias” deveriam ser interpretados como seis “períodos”. Mas com relação à vida animal, a teologia tinha uma série de visões bem definidas, muito difíceis de conciliar com a ciência. (RUSSELL, 2009, p.45).

São justamente os estudos no campo da biologia que ocasionaram sérios debates e discussões entre as teorias científicas e religiosas, principalmente quanto ao surgimento e desenvolvimento das espécies. As teorias de Lamarck e Darwin apresentam a evolução como uma forma de desenvolvimento gradual das espécies, onde as plantas, os animais e os seres vivos sofrem modificações importantes para a sua sobrevivência a partir de processos de variação e modificação por descendência. A apresentação dessas teorias causou grande alvoroço ao evidenciar processos completamente físicos, ocasionados em decorrência do ambiente em que estão inseridos os seres vivos, processos completamente independentes de quaisquer formas de intervenção por parte de deuses ou quaisquer formas de divindade e de suas leis de conservação, caracterizando o processo que os naturalistas chamam de *não-intervencionismo* ou *não-atuação*

divina “O Darwinismo foi um golpe tão intenso na teologia quanto o Copernicanismo.” (RUSSELL, 2009, p.53). O crescente número de trabalhos com este tema, somado à crescente desobrigação em acreditar no conto bíblico da criação, e o estabelecimento de leis que governam o mundo, ocasionou um grande desconforto aos fiéis diante das “supostas” tentativas de trazer descrédito aos ordenamentos divinos, objetivo este que pouco tinham em mente os estudiosos do campo da ciência, já que sua atenção estava completamente focada nos estudos da biologia e seus desdobramentos dentro do campo das ciências naturais, sendo por diversas ocasiões até mesmo indiferentes ao campo da religião.

Apesar da alegada indiferença adotada como postura pelo campo da ciência, torna-se claro que mesmo sem qualquer pretensão, ainda sim, a biologia por meio de sua tese evolutiva, retira assim como a teoria de Copérnico fez ao retirar o status de importância dos seres humanos juntamente com o lugar central de destaque da Terra, o prestígio do processo de criação divina, e em especial ataca a ideia de uma *Proposta Cósmica*, que retrata as formas em que ocorreriam a evolução dos seres vivos e do próprio universo através das *leis da natureza*, empreendidas principalmente com o objetivo de garantir o perfeito funcionamento do processo evolutivo, sem que Deus tivesse que agir constantemente. “A primeira, a mais simples e mais ortodoxa, defende que Deus criou o mundo e decretou as leis da natureza porque Ele previu que com o tempo, algo de bom resultaria da evolução. Nesta visão, o propósito existe de modo consciente na mente do Criador, que permanece externo a Sua criação.” (RUSSELL, 2009, p.146). O grande problema na teoria de Darwin em sua relação com a crença em um Deus criador, é dar ênfase aos processos estritamente físicos, alegando sobretudo que as evoluções ocorrem mediante processos físicos aleatórios que dão origem às características determinantes para a sua sobrevivência. A religião não acredita em processos físicos aleatórios, estabelece que há uma mente responsável por esse processo, que tem como objetivo principal não a evolução física em si, mas das potencialidades que superam o campo físico

Assim, a criação do homem não foi somente uma consequência um tanto incompreensível e completamente improvável das propriedades dos elétrons e prótons, ou, preferindo dizer, das descontinuidades do espaço-tempo: foi o resultado de uma Proposta Cósmica. E os fins para os quais esta proposta atuou devem ser encontrados nas qualidades e nos próprios poderes do homem. De fato, a moral e as capacidades espirituais do homem, em seu grau máximo, mostram a natureza da Proposta Cósmica, que é a fonte de seu ser. (RUSSELL, 2009, p.147).

O grande problema de uma Proposta Cósmica para os cientistas e para os próprios teístas, reside no fato desta teoria não conseguir elucidar o surgimento e a existência do mal no mundo. Já que as leis da natureza deveriam ficar encarregadas pelo desenvolvimento do mundo de acordo com

as vontades do Criador, cria a ideia que seria igualmente de sua vontade o surgimento de um mal no mundo, já que independentemente da existência do livre-arbítrio, ainda sim sua onipotência seria capaz de detectá-lo e minar a sua existência catalogada desde os primórdios da criação sob diferentes formas. A única explicação possível para seu surgimento é colocá-lo como parte dos projetos e vontades de um Criador, como alegam estudiosos de outras formulações da Proposta Cósmica “É inútil dizer que as leis da natureza inevitavelmente predizem tanto o mal quanto o bem, pois Deus decretou as leis da falta de uma natureza. O mal decorrente do pecado pode ser explicado como o resultado de nosso livre-arbítrio, mas o problema do mal no mundo pré-humano permanece.” (RUSSELL, 2009, p.148). Apesar da Proposta Cósmica não conseguir elucidar o problema do surgimento do mal no mundo, o seu desenvolvimento não é capaz de dar origem a um conflito, diferentemente da teoria da evolução das espécies desenvolvida no campo da biologia, esta que serve inevitavelmente como um exemplo claro de conflito, principalmente por parte dos cientistas, estes que não acreditam em qualquer possibilidade de um processo de evolução gradual dirigido ou coordenado, já que evolução é um processo completamente natural, decorre de si mesma e por si mesma, através de seus atributos naturais e propriedades físicas, representando uma das grandes maravilhas da ciência na modernidade, logo a ideia de uma evolução completamente guiada por um Ser que sequer se encontra presente materialmente no mundo ou que apresenta provas de sua existência causa uma série de desavenças e embates sobretudo entre ciência como autora principal desses ataques e a religião. A ideia biológica de uma criação baseada em princípios físicos por parte da ciência e não-físicos, mas antes direcionados por um Ser Superior foram retratados como uma das bases do conflito, sobretudo porque a obra *A Origem das Espécies* de Darwin forneceu importantes contribuições para o desenvolvimento do campo da biologia e conseqüentemente das ciências naturais, trazendo descrédito ao conto da criação em seis dias e os primórdios do surgimento dos seres humanos no Jardim do Édem, narrado no livro de Gênesis.

1.4. A Alma

A ideia de um processo de evolução dirigida para os cristãos ocasiona o processo de transmutação da alma, este um dos resultados principais da Proposta Cósmica. É o surgimento do conceito de alma responsável por trazer novas questões aos campos da religião e da ciência, principalmente quando se denota uma completa separação do corpo material, de uma substância individual e imaterial representada pela alma.

Originária no pensamento grego, a palavra alma pode ser entendida como uma substância imaterial que se mantém presa ao corpo físico durante determinado espaço de tempo, caracterizado pela passagem ou vida na Terra. Contudo, é a sua superioridade em relação a esse corpo físico que garante, após a morte, que seja capaz de alcançar o seu grau de perfeição máxima de complexidade se desvincilhando completamente do corpo físico. Inicialmente os gregos acreditavam que a alma, ao realizar o processo de transmigração, estaria em busca de uma salvação suprema, salvação esta caracterizada como uma libertação da dependência de um corpo material. Posteriormente adotada pelas crenças religiosas, principalmente diante do sentimento de insegurança quanto ao que haveria de fato após a morte do corpo físico e da inexistência de uma continuidade da vida, a alma possibilitou aos cristãos acreditar na existência do ser durante a eternidade mesmo após a sua morte através da alma, processo esse chamado por muitas culturas religiosas de *ressurreição*. A alma representa a essência do homem, através dela, é possível em novas vidas manter seus traços característicos pessoais, que vão desde a personalidade, até os desejos, vontades e pensamentos, possibilitando que após o processo de transmigração, o indivíduo consiga manter os mesmos atributos de sua vida anterior. A ideia de pessoas iguais, mesmo que em diferentes espaços de tempo causa certo ceticismo nos cientistas, pois, assim como é extremamente difícil atingir precisamente os mesmos resultados em uma experiência com um ambiente controlado, de igual forma, é no mínimo incontestável pensar na existência de uma substância distinta do corpo, capaz de tamanhos feitos sem um corpo físico como a presença de uma mesma personalidade em diferentes corpos possível através da alma “Se, no entanto, um pedaço de matéria é nada mais do que a reunião de seus atributos, sua identidade se perde quando os atributos se modificam e não haverá sentido em dizer que o corpo celeste, após a ressurreição, é a mesma ‘‘coisa’’ do que quando era um corpo material.” (RUSSELL, 2009, p.87). A ideia de uma separação radical entre alma e corpo, tornou-se prontamente excluída tanto pelo campo da ciência quanto pelo campo da psicologia, que apresenta como lógica a existência de uma separação, entre corpo e mente, caracterizada por um sujeito racionalmente consciente capaz de acessar o mundo que o cerca, e os objetos que no mundo se encontram e que são possíveis de serem acessados pelos indivíduos gerando formas de conhecimento quantitativo e qualitativo, como exposto por Russell ao fazer uma observação acerca da obra de “Kant”: “Nas sensações, ele disse, as coisas atuam sobre nós, mas nossa natureza nos compele a perceber, não as coisas como elas são em si próprias, mas algo além, que resulta de novas várias adições subjetivas.” (RUSSELL, 2009, p.88). Para o campo da ciência, torna-se fácil deduzir a existência de um corpo e uma mente

Acreditava-se que havia um sistema de correspondência entre os estados do corpo e os estados da mente, de modo que, quando um deles era conhecido, teoricamente deduzia-se o outro. O homem que conhece as leis dessa correspondência e também as leis da física poderia prever com o conhecimento e habilidade suficiente, tanto as ocorrências mentais quanto físicas. (RUSSELL, 2009, p.91).

A mente e seus domínios representam todas as ações e atuações do cérebro, englobando desde o pensamento, memórias e até mesmo as emoções. Contudo, a mente não se apresenta como distinta do corpo, já que precisa de sua materialidade para acessar os objetos e a própria matéria presente a sua volta, demonstrando ser imprescindível essa conexão entre corpo e mente, por isso, a ideia de uma alma completamente separada do corpo torna-se desafiadora aos cientistas, principalmente pela imaterialidade desta substância, já que a palavra substância remete ao campo físico, e fato de sobreviver a decomposição e degradação do corpo, para retornar ao mundo físico em outro corpo. A ideia de alma poderia a partir disso ter uma funcionalidade quando aplicada ao campo social, responsável por ditar conceitos de ética e moralidade, uma vez que os cristãos em suas crenças acreditam que aqueles que durante o seu período de passagem sob a terra de alguma forma ferissem os ordenamentos e desejos de Deus, após a sua morte não teriam a sua alma elevada a uma forma transcendente de Paraíso como os indivíduos bons, mas sim, a uma espécie de castigo eterno onde sua alma seria enviada ao Inferno para sofrer durante toda a eternidade. Outro ponto de discordância está no fato da alma ser capaz de transmitir todas as características do indivíduo, principalmente a sua personalidade, não há quaisquer formas possíveis de tais atributos superarem a morte do corpo “Assim, os efeitos no corpo que dão origem aos hábitos e memórias são destruídos pela morte e pela decomposição, sendo difícil imaginar como elas podem ser transferidas por um tipo de milagre, para um novo corpo que supostamente habitaríamos na próxima vida,” (RUSSELL, 2009, p.105).

O maior problema enfrentado pela religião, principalmente na abordagem de suas crenças, é caracterizado pela sua falta de racionalidade, e a supervalorização da fé como único caminho. A fé não é capaz de fornecer sozinha evidências, provas e até mesmo questionamentos que poderiam auxiliar no desenvolvimento de novas crenças, suas revelações não fornecem conhecimentos qualitativos e quantitativos para a ciência, o que acaba caracterizando-a como fator de construção e padronização de comportamentos sociais, e a religião acaba perdendo o seu espaço de construtora de conhecimentos “A expressão humano do sentido assume a forma de uma razão científica e técnica no âmbito do social, surge a mais profunda *crise de sentido* que a humanidade já experimentou e cujo resultado mais visível é a insatisfação do homem moderno e a fragmentação irremediável dos significados.” (HERRERO, 1986, p.243). A

principal alegação de um conflito na perspectiva de Russell se baseia justamente nas diferenças importantes apresentadas por cada área, e que por isso, uma poderia e deveria ser superior a outra, neste caso a ciência, mesmo que ambas busquem trabalhar as mesmas problemáticas. A religião por apresentar conteúdos baseados em crenças, revelações, textos sagrados e tudo aquilo que envolve formas místicas carece de uma significação racional, esta que não pode ser encontrada apelando-se a fé, mas a um conhecimento teórico científico, o que é justamente encontrado na ciência em sua necessidade de ser racional e de utilizar a experiência na elaboração de teorias, trazendo sempre aos estudiosos mais clareza, embasamento e veracidade quanto aquilo que é debatido. A proposta mais interessante a se fazer seria inicialmente responder ao questionamento “o conflito é real ou apenas um mito?” e buscar formas de integração e trabalho conjunto, já que as suas acentuadas diferenças podem constantemente ocasionar formas de depreciação ou exclusão entre si, já que não se encontram no mesmo patamar de construção teórica e/ou metafísica

Não pode, pois, surgir um conflito entre os conteúdos que pertencem a planos de inteligibilidade diferentes. A partir daí os possíveis conflitos entre ciência e religião terão também que ser diferentes. De fato, o conflito agora só pode surgir ao nível das atitudes, pois a diversificação de planos leva consigo uma diferenciação de atitudes fundamentais. (HERRERO, 1986, p.238).

2. Desconstruindo a ideia de um conflito

2.1. Construção histórico-filosófica da ciência e religião

O maior problema enfrentado no estudo das relações entre ciência e religião é a sua reconstrução histórica que leva em alta consideração os dias atuais e a modernidade alcançada pela sociedade frente à ciência. O contexto em que se estabelece o cenário atual, além de altamente tecnológico possui uma ampla divulgação de informações por parte das massas midiáticas, responsáveis por enaltecer o desenvolvimento técnico-científico, que mantém a ciência sempre em um lugar de destaque “Este último explora em demasia, por exemplo, a imagem de uma ciência pura, isenta e objetiva, que representa uma verdade incontestada e não ideológica e na qual o povo pode depositar a sua confiança.” (BERTOLIN, 2015, p.42). Na contemporaneidade a religião é praticada por uma parcela expressiva da população, sendo grande parte de seus temas tabus por soar descortês o seu debate em qualquer ambiente, com diferentes grupos e até mesmo nas salas de aula, decorrente principalmente da ideia que coloca a religião como forma de dominação ideológica, buscando alcançar as massas. A existência da religião remonta a vários séculos atrás, não pode ser vista como uma criação recente ou simples disseminação de ideais contemporâneos, estava presente desde a construção das primeiras civilizações, contudo, a sua caracterização como objeto social, responsável por impactar apenas o âmbito social da vida dos indivíduos, não considera uma das suas importantes contribuições, que se refere a construir ou formar conhecimentos

Também é verdade que, quase desde o começo da História documentada, diversas sociedades dedicaram-se a elaborações religiosas, reservaram espaços e tempos sagrados e nutriam crenças sobre realidades transcendentais e conduta correta; porém, somente em tempos recentes é que essas crenças e atividades ficaram amarradas a noção comum de “religião” e foram separadas dos domínios “não-religiosos” ou seculares da existência humana. (HARRISON, 2017, p.19)

Quando comparada à ciência, a religião pode facilmente ser caracterizada como um objeto estático no curso da história, que apesar de não regredir frente aos feitos já alcançados também não evolui para quaisquer novas formas de construção. Os sermões passados durante as missas, cultos ou formas de celebração religiosa são semelhantes, assim como a própria Escritura utilizada, que mantém durante séculos uma mesma configuração e o mais preocupante, o grande êxodo de indivíduos das Instituições religiosas sob os mais alegados motivos, sejam eles a falta de tempo, o esgotamento de uma semana cansativa de trabalho e a própria falta de interesse por uma vida em comunhão com a religião. A ciência é adaptável, está em constante progresso e é capaz de se desenvolver em diferentes ambientes e situações e ao mesmo tempo é capaz de

trazer delimitações às suas áreas de atuação, delimitação essa que não causa restrições às suas pesquisas mas evidencia os seus objetivos em processar e conhecer o mundo através de suas características naturais ou históricas. Suas pesquisas e conclusões são responsáveis por influenciar a vida e as decisões acerca da comunidade, afetando o cenário político que a cerca

Como as fronteiras de estados nacionais são muitas vezes mais uma consequência de ambições imperiais, conveniência política e contingências históricas do que uma atenção consciente a falhas sísmicas mais “naturais” de geografia, altura e etnia - nesse contexto, pense nas fronteiras do Estado atual de Israel -, assim também a compartimentação da cultura ocidental moderna que deu origem às noções distintas de “ciência” e “religião” resultou não de uma consideração racional ou desapaixonada sobre como dividir a vida cultural segundo linhas de fraturas naturais, mas em grau considerável tem a ver com o poder político - concebido de modo amplo - e com as intempéries da história. (HARRISON, 2017, p.20)

A construção histórica da religião a coloca como um conjunto de crenças que tem como objetivo principal o culto e a devoção de deidades. Agostinho e Tomás de Aquino, importantes pensadores da filosofia ocidental, exploram em suas obras a ideia de que uma religião somente poderá considerar-se “verdadeira” desde que as suas crenças levem os indivíduos a realizarem cultos onde expressem todo o seu amor e devoção a Deus, como expõe Tomás

Desde o princípio, fica claro que, para Tomás, religião (*religio*) é uma virtude - não, aliás, uma das virtudes teológicas preeminentes, mas, mesmo assim, essa vontade moral importante relacionada à justiça. Ele explica que, no seu sentido primário, *religio* refere-se aos atos interiores de devoção e adoração, sendo essa dimensão interior mais importante do que quaisquer outras expressões exteriores dessa virtude. (HARRISON, 2017, p.23)

Quanto a Agostinho, segundo Peter Harrison: “Como ele veio relatar em suas *Retratações*: “Argumentei extensivamente e de diversas maneiras que religião verdadeira significa o culto do único Deus verdadeiro.” (apud Agostinho, 1953, p.25). A religião torna-se subjetivamente uma espécie de fé em entidades sobrenaturais, que devido aos elevados índices de devoção torna-se objeto de conflitos, por isso seria necessário delimitar a sua área de atuação “ A religião, estando relacionada ao campo afetivo das pessoas - o que torna desafiador o seu estudo -, constitui-se um fato humano, por consequência, deve ser cultural e historicamente situada.” (BERTOLIN, 105, p.62). A definição de religião difere de acordo com a época e com os ideais de cada autor “Entre eles estão Émile Durkheim (1858-1917), para quem religião trata da consolidação dos laços sociais, e Sigmund Freud (1856-1939), que a associa ao alívio da culpa ou à proteção.” (BERTOLIN, 2015, p.63), contudo, em grande parte essas definições apresentam dois aspectos em comum: a busca em estabelecer relações dos indivíduos entre eles mesmos, buscando acima de tudo explorar o amor e a benevolência com o próximo, e deixar claro uma relação com uma forma de divindade, esta capaz de modificar o mundo de acordo

com suas leis. A busca por torná-la mais humana e compreensível à todos, ocasiona uma grande significação das experiências individuais, e são justamente essas individualidades que ocasionam fortes incompreensões por parte do campo científico “Nesse sentido, a religião como experiência humana remete-se ao campo da individualidade e da emoção, reforçando o desafio de estudá-la cientificamente.” (BERTOLIN, 2015, p.64). As emoções e especialmente a cultura seriam fortes empecilhos para a interpretação da religião em sua forma primeira, no seio de sua origem

Uma pergunta que se pode fazer é: porque existe o comportamento religioso? Geraldo Paiva ressalta que, ao investigar esse ponto, deve-se ter em mente que a religião já está posta para os indivíduos na sociedade, o que torna a empreitada dificultosa, pois esse fato complica - talvez até mesmo impeça - a busca por uma motivação espontânea, ingênua e pura. (BERTOLIN, 2015, p.65).

Antes mesmo de uma classificação bem definida das religiões, o ser humano já havia empreendido um primeiro contato com a religião, através de experiências capazes de transcender o campo físico e que igualmente são capazes de oferecer direcionamentos e respostas. O conceito de religião se encontra muito além de suas crenças, por isso a necessidade de reconhecimento dessas experiências religiosas através da fé, porque são elas as responsáveis por diferir as diferentes modalidades da religião, além das principais responsáveis pela construção dos conhecimentos provenientes em grande parte das revelações

A religião apresenta ao mundo doutrinas e quadros metafísicos que dão sentido à vida de quem nela deposita a sua fé. Além disso, pelo que pudemos ver, a fé não é necessariamente um atributo de quem segue uma instituição religiosa, pois, antes dela surgir, havia manifestação e experiência religiosa. Quando investigamos ciência e religião, esse aspecto precisa ser levado em conta, porque desse feito o debate se amplia. (BERTOLIN, 2015, p.81).

Tradicionalmente dizemos que foi o desejo de conhecimento, o principal responsável por instigar os seres humanos a se utilizarem, além da razão, de suas próprias ferramentas para conhecer o mundo, dando início ao que seria a ciência

Conforme a famosa frase de Aristóteles nas linhas iniciais da *Metafísica*, “todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. Nesse esquema geral, nossas potências intelectuais são direcionadas naturalmente para o fim do conhecimento, sendo assistidas em seu movimento ao conhecimento pelas virtudes intelectuais adquiridas. (HARRISON, 2017, p.28)

O início da atividade científica está associado ao período da Antiguidade Clássica, onde o desenvolvimento de um pensamento racional e da própria filosofia enquanto criadora de conceitos e incentivadora do conhecimento, revolucionou completamente o saber, trazendo consigo uma alternativa aos mitos e a utilização de novos métodos, sobretudo a dialética. Sobre o início da ciência, Harrison o aborda em seu texto a partir do filósofo grego Tales de Mileto

As características essenciais de seu pensamento, pelos quais é tão honrado, incluem a rejeição de explicações sobrenaturais, a busca por princípios naturais unitários e a disposição de envolver-se em debate racional acerca dos méritos de diversas especulações sobre o mundo e suas operações. Era dito, então, que a ciência ocidental nasceu entre os gregos antigos e foi por eles desenvolvida até um estado de certa sofisticação. (HARRISON, 2017, p.38).

Era a razão a principal ferramenta de um desenvolvimento teórico, contudo, a utilização de métodos e procedimentos de experimentação amparados pela lógica caracterizam a ciência como científica

Progredir na ciência, então, não se tratava de acrescentar a um conjunto de conhecimento sistemático acerca do mundo, mas sim tornar-se mais competente em tirar conclusões “científicas” a partir de premissas gerais. Assim entendida, “ciência” era um hábito mental gradualmente adquirido pela repetição de demonstrações lógicas.” (HARRISON, 2017, p.28).

A ciência não surge com o objetivo de ser científica, assim como a religião não era inicialmente uma virtude que buscava se refletir no comportamento e na vida das pessoas

De igual modo, segundo o entendimento de Tomás, transgressões morais terão consequências negativas para a capacidade do intelecto de fazer juízos corretos: “Vícios carnis resultam em certa ignorância e estupidez mental; e estas, por sua vez, intrometem-se no entendimento e *scientia*. *Scientia*, então, não era apenas uma qualidade pessoal, mas também algo portador de significativo componente moral. (HARRISON, 2017, p.29).

A partir da Idade Média, a ciência viu a necessidade de tornar-se mais formal, e as suas áreas passaram a ser delimitadas de acordo com as suas aplicações, já que o fervor religioso ainda era extremamente presente

A segunda fase dessas histórias igualmente entende ciência e religião como se estivessem relacionados de um modo específico. Com frequência, é imaginado que a cultura clássica “se apavorou”, degenerando-se numa “era de ansiedade” que preparou o caminho para o surgimento de religiões de mistério e o sucesso definitivo do cristianismo. (HARRISON, 2017, p.39).

Foi a partir da modernidade que ela tornou-se técnica, teórica e experimental, o que gerou um completo afastamento da ideia aristotélica da ciência enquanto virtude associada aos conhecimentos dos indivíduos

No transcorrer dos séculos 16 e 17, testemunhamos o começo do processo em que a ideia de religião e ciência enquanto virtudes ou hábitos da mente passa a ser ofuscada pelas entidades sistemáticas modernas de “ciência” e “religião”. No caso de *scientia*, então, as qualidades interiores que caracterizavam a virtude intelectual de *scientia* são transferidas para métodos e doutrinas. (HARRISON, 2017, p.30).

Com a busca de revolucionar seus métodos e técnicas e alcançar formas mais elevadas de cientificidade, a ciência desenvolveu meios de estudar e compreender o mundo e as suas estruturas a partir de ideias que eram possíveis ao homem conhecer, o que acabou afetando sua

relação com a religião, já que esta não se utiliza de métodos a partir da razão, mas de sua fé e crenças. Encontrou assim, na própria natureza meios que a auxiliassem a explicar a formação do mundo natural, e o estabelecimento de leis da natureza culminou em uma cisão com a religião e seus misticismos como se acreditou durante vários séculos

Por antecipação, podemos dizer que, na esfera física, virtudes e potências foram eliminadas de objetos naturais e substituídas por uma noção de lei externa. A ordem das coisas será daí em diante entendida do ponto e vista de leis da natureza - uma concepção que aparece pela primeira vez no século 17 - e essas leis tomarão o lugar daquelas tendências inerentes nas coisas que aspiram à sua perfeição. (HARRISON, 2017, p.31).

Completamente reformulada, a ciência busca sempre se atualizar, ela não pode em nenhum momento manter-se estática, é responsável por sempre se atualizar e redescobrir os seus próprios métodos, e é justamente essa evolução a ferramenta de principal interesse científico, como expressa Peter Harrison:

Por ser “conhecimento”, recordamos que a ciência é processo, portanto é algo que se transforma, devém, não estando acabada. Reafirmamos que a realidade não se esgota, ela própria está em mudança: conhecer é sempre um recomeçar desse processo. Pode-se aprender mais a realidade do mundo se levarmos em conta o que já foi pesquisado e conhecido, reforçando a convicção de que o conhecimento é progressivo.(apud MAGALHÃES, 2005, p.89).

Diante de seus progressos, a ciência consegue por fim construir a sua imagem de conhecimento racional. Contudo essa imagem acaba afetando o reconhecimento de outras áreas, dentre elas a religião como idealizadoras e construtoras de formas de conhecimento. A ciência é consagrada como a única produtora de conhecimentos certos e precisos, como expressa Harrison ao citar:

Com a “ciência”, pelo menos, a gente sabe onde pisa... Eis aí uma atividade cognitiva séria, que nos leva, graças a procedimentos eficazes, a certezas, ou até mesmo a Verdades. Tal é a razão do sucesso desse quadro cheio de contrastes: enquanto a arte, a religião e a filosofia recorrem à imaginação, à intuição, a crenças quiméricas e especulações descontroladas, a Ciência nos revela a Realidade como ela é. (apud THUILLIER, 1994, p.8).

Só a ciência seria capaz de oferecer conhecimentos qualitativos e quantitativos, onde através dela é possível alcançar o verdadeiro conhecimento, uma vez que os seus extensos métodos obrigam os cientistas a testar e experimentar todas as possibilidades existentes e que podem de alguma forma afetar o seu resultado e demonstrando quais se adequam à natureza e poderiam de fato auxiliar na interpretação das leis da natureza, como exemplifica Harrison ao citar mais uma vez Thuillier “Isto é, “o bom cientista é objetivo: escuta a voz dos fatos e se desembaraça de leis e teorias que sejam recusadas pela Natureza por ocasião de testes experimentais cuidadosamente preparados.” (HARRISON, 2017, p.7). Além de científica, é de grande importância ressaltar o desejo da ciência em tornar-se acessível a todos, deixando claro os seus

objetivos, possibilitando assim que os indivíduos em diferentes graus de conhecimento sejam capazes de compreender, e de igual forma responder às questões que possam surgir. Contudo, o seu desejo em permanecer acima de tudo científica pode em dados momentos lhe trazer malefícios, uma vez que a completa perfeição não existe, e pode levar muitos cientistas a alterar completamente o rumo das investigações ou incluir fatores que de algum modo não tenham qualquer relação com a verdade. O cientista é constantemente influenciado por fatores externos, que não podem ser associados exclusivamente por suas crenças e pensamentos, podem ser influenciados até mesmo por seu próprio ambiente, já que a natureza nem sempre é capaz de fornecer todos ou os caminhos precisos, o que faz o cientista buscar novas rotas e até mesmo inverter as suas abordagens para que assim o curso de seus experimentos o levem ao desenvolvimento de sua teoria. A ciência não pode apresentar-se como objetiva e perfeita, e nem dispor a sua razão como única razão científica e racional, há em outras áreas formas de conhecimento que sequer foram exploradas pela ciência pelo seu desconhecimento ou por seu próprio preconceito em não ser científica. O ser humano é uma construção que transcende apenas a razão, pode conhecer por vários outros métodos que a ciência sequer é capaz de acessá-los enquanto estiver presa apenas ao campo científico racional. A razão assim como as crenças, os pensamentos e a própria personalidade tem características únicas, ela não é de modo algum universal, é antes de tudo pessoal a cada indivíduo e se molda de acordo com o ambiente e as referências que o indivíduo recebe durante o seu desenvolvimento social. Por isso a necessidade de não se reconhecer uma razão universal, mas antes reconhecer a sua pluralidade e diversidade entre indivíduos e entre nações culturalmente diferentes

No caso da Europa, Thuillier esclarece que é fácil entender o motivo pelo qual teve tanto sucesso a imagem construída da pureza dos fatos, da objetividade do empreendimento e da racionalidade inerente a ele: era de interesse das sociedades científico-técnico-industriais. Para tais sociedades, a linguagem racional serviu melhor para o desenvolvimento de suas condições. Naturalmente, em outras sociedades, composta por outros indivíduos com seus interesses e visões do mundo e da vida, outra linguagem seria eleita e utilizada. (BERTOLIN, 2015, p.56).

Nessa incessante busca em construir conhecimentos racionais, gera-se outro fator que acaba afetando o progresso da ciência em algumas áreas, sobretudo na área de relações com outros conteúdos, o preconceito, que determina que somente a razão desenvolvida em âmbito científico seria correta e de alguma forma superior às outras. Com a necessidade de autoafirmação por parte da ciência, surgem formas de contestação frente a outras razões como as constituintes da religião, que influenciada por um contexto histórico-social, foram utilizadas indevidamente por outros campos, sobretudo o político com o objetivo de barrar sobretudo o

desenvolvimento das Instituições clericais. A ciência nasce então, com o objetivo de ser científica, produzir conhecimentos práticos e teóricos partir de suas ramificações e acima de tudo formar conhecimentos e conceitos objetivos, contudo, esses objetivos acabam esquecidos quando ela é utilizada sob outras prerrogativas principalmente políticas, para desqualificar outras fontes de conhecimento (em especial a religião) que podem influenciar diretamente a ordem de poder estabelecida, ou seja, a ciência deixa de ser um movimento em prol do conhecimento e passa a ser um movimento sócio-cultural com o intuito de barrar o desenvolvimento religioso em prol de interesses individuais que beneficiem grupos específicos, uma vez que dentro das sociedades autoritárias, somente o poder político pode exercer formas de influência dentro da sociedade, outras áreas capazes de influenciar e criar conhecimentos podem gerar um risco às ideias já estabelecidas.

Analisando o contexto histórico, Harrison é enfático ao afirmar que “o conflito” entre ciência e religião não passa de uma criação moderna, sobretudo na interpretação de um conflito

A esta altura já deve estar claro que a questão da relação entre ciência (*scientia*) e religião (*religio*) na Idade Média era muito diferente da questão moderna da relação entre ciência e religião. Se a questão fosse formulada por Tomás de Aquino, ele talvez dissesse algo assim: ciência é hábito intelectual; religião, como as demais virtudes, é hábito moral. Não havia, portanto, nenhuma questão de conflito ou concordância entre ciência e religião, porque não seriam o tipo de coisa que admite tais relações. (HARRISON, 2017, p.32)..

A modernidade cercada de avanços, ocasiona a degradação do sagrado e conseqüentemente uma exclusão da fé de seus ambientes acadêmicos, colocando a ciência como importante aliada da modernidade

O físico e escritor científico Paul Davies declara em um de seus livros recentes que a religião foi “a primeira tentativa sistemática de explicar o universo”. Mas depois veio a ciência, que produzia suas explicações “do ponto de vista de forças impessoais e processos físicos naturais, em vez das atividades de agentes sobrenaturais intencionais”. Davies continua e explica que, onde quer que explicações religiosas e científicas entraram em conflito, invariavelmente foi a ciência que saiu vitoriosa. (HARRISON, 2017, p.40)

A religião é um dos primeiros conhecimentos do mundo, anterior até mesmo à ciência, por isso, é importante reconhecer os seus métodos e aplicações e em hipótese alguma descartá-los em detrimento de um conhecimento puramente científico, estes que em busca de se tornarem objetivos, utilizaram como bases principais para a própria religião . O cientista não é capaz de conhecer ou formar conhecimentos a partir do nada, ele necessita sempre de um caminho inicial, e muitos desses caminhos ele encontra justamente nas religiões. O estudo da religião não se restringe apenas à fé, está pelo contrário intimamente ligado a vida do indivíduo, seja ela em sociedade com outras pessoas, onde deve se guiar por seus direitos e deveres, quando indivíduo

em relação às suas próprias crenças, o que torna necessário o apoio da ciência para trazer contornos mais específicos para a religião e melhor compreensão aos seus seguidores e não quaisquer formas de depreciação, logo em certo sentido, a ciência busca tornar a religião mais acessível, buscando demonstrar os conceitos da fé

Característica destacada da retórica dos reformadores protestantes foi sua depreciação das noções tradicionais de fé implícita na ideia de que o conhecimento explícito das doutrinas cristãs mais difíceis não precisasse ser ordenado aos leigos. Os reformadores insistiam, pelo contrário, que os cristãos fossem capazes de articular as doutrinas que professavam e o fizessem proposicionalmente. (HARRISON, 2017, p.104).

A partir desse esforço de se concretizar a religião como algo de fato presente no mundo, como Harrison explícita ter surgido a partir de Calvino, fica claro que é dever das religiões torná-las de alguma forma mais acessível aos seus fiéis, comprovando que a mesma não deve ser tratada apenas como uma experiência individual, mas antes como uma experiência externa já que se encontra presente no mundo, por isso a necessidade de se utilizar de um artigo ao se referir “a religião”

A sutil inserção do artigo definido sinaliza uma mudança importante no modo com a religião é conceituada. Para Calvino, a profissão de crenças explícitas é voltada para a promoção de uma qualidade interior - “religião verdadeira”. A expressão “*a religião verdadeira*”, no entanto, coloca em foco principal nas crenças em si, e religião se torna, assim, essencialmente algo existente no mundo, em vez de uma disposição interior. (HARRISON, 2017, p.105).

A busca em compreender a religião por parte da ciência evidencia como as duas áreas enquanto construções sociais podem apresentar importantes elos de conexão a serem explorados, elos que podem beneficiar ambas

É claro que a natureza não era mais para ser “lida” em busca dos seus significados teológicos e morais mais profundos, todavia, era amplamente crido que investigações sistemáticas dos seus princípios subjacentes apontavam para o *design* intencional de uma divindade sábia e poderosa. O cosmo, em outras palavras, pode não proporcionar analogias da Trindade ou recapitulações da narrativa cristã de redenção, mas era considerado que ele provia um número limitado de premissas a partir das quais algumas verdades básicas sobre Deus poderiam ser inferidas. (HARRISON, 2017, p.121).

A ciência acabou inegavelmente sendo mais beneficiada em sua relação com a religião, contudo, ainda permanece uma importante questão: “Se ambas não nascem com o objetivo de se contrapor, porque houve a idealização de um conflito?”

2.2. Conflito ou mito?

A representação de um conflito surge inicialmente e principalmente em um contexto histórico, que valoriza principalmente a atividade científica e seus atributos, o que acontece

principalmente em detrimento da religião ser retratada durante vários séculos como uma virtude pessoal, onde recentemente se acredita ser responsável por atrapalhar o desenvolvimento racional completo do indivíduo

No século 14, “ciência”, como entendemos hoje, veio a ser concebida de um modo que se parecia com a concepção moderna inicial da ideia de “religião”. Ou seja, ela fora agregada de uma gama de atividades e distanciadas das qualidades pessoais de quem a praticava. Isso ocorreu quando “ciência” passou a estar vinculada a um conjunto supostamente unificado de práticas (“o método científico”), associado a um grupo distinto de indivíduos (“cientistas”) e expurgada de elementos que outrora haviam sido considerados parte integral de sua condição e operações (o teológico e o metafísico). (HARRISON, 2017, p.159).

Foi contudo, na sua busca por tornar-se científica, que a ciência acabou agregando grande quantidade de elementos que a caracterizam como disciplina teórico-dedutiva, com fundamentos baseados exclusivamente em métodos racionais. Isso tornou os termos “progresso” e, mais importante, “impessoal” palavras-chave de toda construção científica

A ciência moderna, então, emerge de um processo tríplice: primeiro, uma nova identidade - o cientista - é forjada para seus praticantes; segundo, é afirmado que as ciências partilham de um método distintivo, que exclui qualquer referência a considerações religiosas ou morais; e, terceiro, em decorrência disso tudo, o caráter dessa nova ciência é consolidado ao criar fronteiras nítidas e postular a existência de exemplos contrastantes - ciência e pseudociência, ciência e tecnologia, ciência e humanidades e, mais importante para nossos objetivos ciência e religião. Esse último desenvolvimento foi acompanhado pela construção de um passado mítico em que as fronteiras recém-criadas das disciplinas assumem uma atemporalidade não histórica, e relatos sobre o conflito perene entre ciência e religião são elaborados para reforçar as linhas de demarcação contemporâneas. (HARRISON, 2017, p.171).

O progresso torna-se cada vez mais evidente à medida que a história demonstra os incríveis avanços alcançados pelos seres humanos a partir das modificações realizadas não apenas na construção do conhecimento, mas do próprio meio em que estão inseridos, responsável por trazer luz à razão humana para que o progresso possa se estender. Dentro desse cenário de incríveis progressos científicos, a religião é sempre caracterizada como estática, não sendo capaz de produzir grandes progressos no decorrer da história já que as crenças seriam características imutáveis. A ciência tomou contornos e formas definidas principalmente quanto a sua área de atuação e aplicação no mundo natural, além da aplicação de conhecimentos provenientes de suas áreas físicas, químicas, matemáticas, biológicas, e etc.”Anteriormente, a natureza em si era o foco, e o agente principal, embora transcendesse os fenômenos físicos, era Deus. Agora, as maravilhas da natureza se tornaram as maravilhas da ciência, compreendidas como o produto da aplicação rigorosa do método científico pelo cientista.” (HARRISON, 2017, p.181). Se a religião não é capaz de acompanhar o progresso, surge o questionamento “a religião

não seria capaz de acompanhar o progresso, ou se apresenta como anti-progresso?” e como resposta temos um sonoro “não”, onde apesar de não evidenciar avanços nos campos das chamadas *ciências naturais*, a ideia de progresso sempre esteve presente na religião, principalmente quando relacionada às potencialidades do homem como Bertolin discute ao citar Robert Nisbet: “Para ser mais preciso, segundo ele, a ideia de progresso não teria alcançado tamanho poder no ocidente se não fosse pela atuação do cristianismo e dos poderes da Igreja, pois, por meio deles, se enriqueceu a ideia de progresso como uma força espiritual desconhecida dos pagãos.” (BERTOLIN, 2015, p.85). A figura de Deus não seria responsável apenas por estabelecer a noção de progresso, mas também fazer-se garantir que seja acessível aos homens para que desenvolvam as suas potencialidades, contudo, a ideia de progresso acabou deturpada em vários momentos da história por figuras de autoridade que governam em prol de interesses particulares utilizando a religião como prerrogativa às suas ações e denominando de pecado aquilo que fosse contra os seus mandamentos

Mais especificamente na religião, percebemos que ela tem em si mesma elementos de progresso e evolução - o que nem sempre é ressaltado, predominando uma imagem de instituição ortodoxa e imutável. Como exemplo disso, um dos conceitos centrais para a maioria das tradições espirituais - Deus - sofreu modificações ao longo do tempo e a partir de conceitos socioculturais em que estavam inseridas aquelas que se tornaram autoridades e referências para a tradição. Se tal conceito recebe alterações, que dirão as demais ideias e interpretações da realidade material e espiritual apresentada pelas religiões. (BERTOLIN, 2015, p.88).

É preciso ao leitor e ao cientista superar a ideia de religião como antiprogredista, e antes que se construa esse caminho é necessário reconhecer a noção de progresso defendida pela religião e definir de quais formas as potencialidades do homem são capazes de tornar essa ideia mais acessível e observável ao público, minando qualquer possibilidade do desenvolvimento de uma ideia de conflito, principalmente quando analisado o “escasso” progresso alcançado pela religião durante a Idade Média, este que teria sido barrado em grande parte pela Igreja Católica, Instituição com grande influência secular. O embate entre ciência e religião, ou como representado na cultura popular, o embate entre luz (ciência) e trevas (religião) ganha grande destaque quando analisado principalmente o cenário do medievo, este representado historicamente como um período de grandes repressões religiosas, com pouco ou quase nenhum desenvolvimento racional, além de severas perseguições aos idealizadores da construção científica

Este dito embate entre ciência-luz e religião-trevas ganha especial ênfase quando a Idade Média é analisada. Por muito tempo - e, apesar das revisões historiográficas, essa imagem está assim consolidada desde as escolas -, tal período histórico foi considerado a “idade das trevas”. Nesse sentido, perpetua-se que a responsabilidade das “trevas” ficou, em grande parte, a cargo da Igreja

Católica Romana, pelo seu predomínio na vida cotidiana da Europa ocidental. (BERTOLIN, 2015, p.89).

Durante séculos mais recentes acreditou-se que a Igreja havia sido de fato uma das principais responsáveis pela ausência do progresso durante a Idade Média, além da mais poderosa opositora ao desenvolvimento científico, contudo, a própria história é responsável por desmentir todas as acusações realizadas contra essa Instituição, demonstrando que a Igreja não defendia apenas a noção de progresso aos atributos do homem, mas que foi uma das grandes apoiadoras do próprio desenvolvimento científico, esquivando-se de quaisquer formas de conflito, já que este nunca foi o seu real objetivo. A ideia de um conflito surge de situações conflituosas específicas que não representam a totalidade da situação e não levam em conta os desdobramentos das atuações específicas da religião e ciência. Um dos fatores iniciais para a disseminação de um conflito surge a partir dos preconceitos em relação ao desconhecido enfrentados pela população no início do desenvolvimento das técnicas científicas. A religião era a principal fonte de conhecimento e respostas aos mais variados temas, com o surgimento das ciências e dos métodos de experimentação, os conhecimentos agora se baseavam nos mais variados experimentos que, ao passo que trouxeram grande inovação, trouxeram consigo várias ferramentas e métodos até então desconhecidos que geraram inicialmente, uma forte resistência, ocasionada pelo medo não apenas de estar pecando contra os mandamentos de Deus, mas também por serem práticas nunca vistas antes, trazendo uma imagem da ciência como “inimiga”, de forma semelhante à própria filosofia durante a Antiguidade Clássica sobretudo a partir da experiência de Sócrates, este morto por cicuta após ser julgado por disseminar ideias perigosas e desconhecidas entre os jovens. Um dos pontos de alarde das ciências em suas interpretações sobre a religião está na figura de um Deus ou de deuses, e de como seriam capazes de estabelecer as leis que governam a natureza, e é justamente neste ponto que a religião tira proveito da ciência, já que vê nelas a possibilidade de acessar os conhecimentos acerca do mundo natural, tendo os conhecimentos científicos como importantes aliados.

A religião construiu os primeiros laços com a ciência quando não apresentou provas ou contestações contra a sua aplicação ou seu desenvolvimento. A elaboração histórica de um conflito ocasionou graves perseguições históricas para ambas as áreas e para a própria humanidade, já que a religião foi uma importante ferramenta durante a Idade Média para o desenvolvimento dos conhecimentos “científicos” e não promover perseguições como se achou durante vários séculos recentes devido às representações históricas como exposto por Numbers em um trecho de sua obra ao falar de Bacon

Na forma mais activa do mito, a Igreja medieval dá passos específicos para cercear a investigação científica: aprisiona Roger Bacon (aprox. 1214-1294), apresentado como o cientista mais evoluído da era, durante dois, dez, quatorze ou quinze anos, dependendo da fonte que escolhemos na Web. A alegação de que Bacon foi encarcerado (supostamente pelo próprio superior de sua ordem franciscana) surge cerca de oitenta anos após a sua morte e gerou cepticismo, por se basear apenas nestes fundamentos. (BACON, 1988, p.37).

A Igreja detinha grande influência política e econômica durante a Idade Média, sendo a principal formadora de costumes e ditadora dos conceitos de moralidade sendo possível, caso de fato fosse o seu real objetivo, excluir por completo as possibilidades de desenvolvimento das ciências e a própria construção do campo científico, contudo, ao contrário do que muito se falou por diversos historiadores, ao deparar-se com as maravilhas que a ciência seria capaz de proporcionar, tornou-se uma de suas maiores incentivadoras sobretudo economicamente

Dito de forma sucinta, o período medieval gerou a universidade, que se desenvolveu com o apoio activo do papado. Essa instituição invulgar multiplicou-se de forma consideravelmente espontânea em redor de mestres famosos, em cidades como Bolonha, Paris e Oxford, antes de 1200. Por volta de 1500, encontraram-se disseminadas por toda a Europa cerca de sessenta universidades. Qual o significado desse desenvolvimento para o nosso mito? Cerca de 30 por cento dos currículos das universidades medievais abrangiam temas e textos ligados ao mundo natural. (GRANT, 1984, p.38).

É inconcebível pensar a Idade Média como “idade das trevas” diante do tamanho salto rumo ao progresso do desenvolvimento intelectual alcançado pela criação das universidades, e ter a Igreja à frente deste processo estreita os laços de trabalho conjunto “Se a Igreja medieval pretendeu desencorajar ou suprimir a ciência, não há dúvida de que cometeu um erro colossal ao tolerar - para já não dizer apoiar - a Universidade.” (SCHWINGES, 1986, p.38). As universidades além de trazer ao mundo um novo conceito de conhecimento, foram igualmente responsáveis pela sua expansão e acesso, sobretudo no campo filosófico que naquela época tratava não apenas das questões religiosas, mas do próprio estudo da natureza, do campo matemático com ênfase na lógica, a dialética e retórica, e etc., disposta a tornar acessível aos estudantes os mais avançados e modernos conhecimentos e discussões, sem de qualquer modo incitar os alunos às práticas religiosas ou a formação teológica

Estamos perante mais um rol de mitos. A maioria dos alunos nem sequer se aproximava dos requisitos necessários ao estudo da teologia (em geral, um diploma *master of arts*). Permaneciam por isso nas faculdades de artes, onde estudavam exclusivamente temas não religiosos, incluindo lógica, filosofia natural e ciências matemáticas. Na verdade, em resultado das querelas entre faculdades, os estudantes das faculdades de artes não estavam autorizados a tratar temas teológicos. Em resumo, a maioria dos alunos não tinha quaisquer estudos de natureza teológica ou bíblica. (LAIRD, 1987, p.39).

Houve assim como no caso das ciências retratados por historiadores como anti-religião, casos isolados na Instituição da Igreja, onde membros do clero levantaram forte preconceito às ideias defendidas pelas ciências contribuindo para a imagem de um suposto conflito, logo, é importante reafirmar o posicionamento deste trabalho diante da inexistência de um conflito, por conseguinte, assim como as opiniões divergentes dos historiadores não podem de fato apresentar uma versão unilateral da história, alguns padres e clérigos não podem refletir o pensamento unívoco de uma Instituição com tantos séculos de história “É que, não obstante homens da Igreja, agindo investidos de suas respectivas competências legais, terem de facto emitido essas condenações, é enganador afirmar que foi <<a Igreja>> que o fez, pois daí pareceria poder concluir-se que eram válidas para toda a Cristandade.”(THORNDIKE, 1944, p.41).

Em uma sociedade com indivíduos com diferentes opiniões, conhecimentos e personalidades, sempre haverá aqueles que se opõem ao progresso ou às “ideias desconhecidas”. Entretanto, é a não-aceitação de historiadores e dos próprios membros da Igreja que não coloca a ciência como superior à religião ou vice-versa, mas antes, coloca ambas como importantes colaboradoras para o desenvolvimento da sociedade moderna, sendo a Igreja importante para o desenvolvimento das ciências dentro das universidades; e a ciência importante colaboradora para o desenvolvimento de um conhecimento científico que possibilite uma interpretação da bíblia que não seja a literal

Embora discordem num pormenor ou outro, existe actualmente um consenso entre quase todos os historiadores no sentido de que o cristianismo (tanto o catolicismo como o protestantismo) levaram muitos intelectuais do início da modernidade a estudar a natureza de forma sistemática. Os historiadores descobriram igualmente que noções provenientes da *fé* cristã acabaram por infiltrar o discurso científico com excelentes resultados; a própria noção segundo o qual a natureza obedece a leis provém, segundo alguns, da teologia cristã. A doutrina cristã afectou igualmente a forma como a natureza era estudada. (NUMBERS, 2012, p.104).

O reconhecimento da finitude humana, a ideia de um ser superior responsável por estabelecer as leis da natureza e uma interpretação literal das Escrituras traz aos cientistas novas perspectivas que enxergam a religião além de suas crenças, conceitos de criação, salvação, pecado e etc., reconhece um meio de se acessar o mundo natural, de reconhecer a sua criação e entender o seu desenvolvimento aliado a razão. “Finalmente os historiadores chamaram a atenção para o facto de as igrejas cristãs teriam, pelo facto de apoiarem a teorização, experimentação, observação, exploração, documentação e publicação.” (HEILBRON, 1999, p.105). Apesar de importante influenciadora e apoiadora, a Igreja não pode estar associada a criação das ciências, a sua origem remonta à Antiguidade Clássica e o surgimento da filosofia

enquanto atividade de pensamento, construção de conceitos e diálogo de ideias, cabendo à religião o papel de facilitadora de relações ao trazer as ciências para trabalhar em conjunto com a religião, com o objetivo de tornar os conceitos da religião mais claros

Além disso, a tradição clássica, que tinha, afinal de contas, origem pagã, era uma questão acerca da qual os Doutores da Igreja se mostravam, compreensivelmente ambivalentes. Não obstante, a marca das ideias gregas e romanas sobre os intelectuais cristãos permanecia intensa, aqueles proporcionavam o ponto de partida para praticamente todas as investigações da natureza realizadas até o início da era moderna. (LINDBERG; NUMBERS, 2003, p.106).

Do seu desenvolvimento até os dias atuais, cientistas cristãos e não-cristãos encontraram na religião um importante suporte principalmente para o estudo da natureza, onde nem mesmo a Revolução Científica, evento de maior importância ao desenvolvimento da ciência, foi capaz de retirar seu crédito. Sem uma definição exata do que seria a ciência e suas aplicações, todos aqueles que se proclamavam cientistas acabavam na verdade trabalhando com a filosofia natural, esta que abrangia temas que iam desde a física e a química, até temas estritamente teológicos, por isso não havia uma classificação definida entre temas religiosos e não-religiosos, apenas problemas baseados no mundo natural

[...] a relação íntima entre filosofia natural e teologia é bem evidente em quase todas as áreas de investigação do mundo natural ao longo da Revolução Científica. Os debates relativos à nova astronomia heliocêntrica, os argumentos em favor de uma nova filosofia da natureza capaz de substituir o aristotelismo medieval, o desenvolvimento de um novo conceito das leis da natureza, e a discussão do âmbito e limites do conhecimento humano, tudo isso estava impregnado de compromissos religiosos e pressupostos teológicos. (BROOKE, 1991, p.118).

A partir da Revolução Científica tem-se um aprofundamento das questões relativas ao que atualmente classificamos como científicas, abrangendo os campos físico, químico e biológico em especial e um afastamento das ideias consideradas pertencentes ao ramo da teologia, diferente da teologia natural que não estabelecia limites definidos entre ciência e religião, a sua unificação era entendida de maneira natural, sendo a ideia de separação um conceito da modernidade proveniente sobretudo pelo desenvolvimento do método científico. A história não oferece elementos para um conflito, há de fato algumas divergências quanto aos seus meios de atuação e sobretudo aos preconceitos existentes em cada época de acordo com as culturas vigentes, mas é possível verificar maior ocorrência de trabalhos conjuntos sobretudo em prol do desenvolvimento do conhecimento, sendo assim, de grande importância elucidar o que de fato ocorreu nos momentos “decisivos” dessa relação que colocam a religião como “vilã” e a ciência como “heroína”, dando destaque ao real motivo para a suposta prisão de Galileu por

estudar o sistema copernicano e posteriormente desenvolver a sua teoria, e de igual modo analisar o contexto em que se desenvolveu as construções científicas após a publicação da obra “*A Origem das Espécies*” de Charles Darwin.

2.3. A Revolução Copernicana e Galileu Galilei

Um dos passos iniciais da astronomia coloca os seres humanos como uma das raças superiores existentes no Universo, fato que advém principalmente segundo uma interpretação comum da Revolução Copernicana, onde os seres humanos apresentam-se como criações preferidas de Deus, estariam sempre no centro de todas as suas decisões e ações “Este grande lugar-comum copernicano assume de modo simplista que central é bom, ou especial, e que ser removido do centro é mau.” (NUMBERS, 2001, p.70). Assim como a ideia de classes atualmente denota uma forma de superioridade em todas as classificações possíveis, de igual modo a ideia de centro na Idade Média reflete uma forma de status quando analisado o contexto do antropocentrismo. É importante ressaltar contudo, que a ideia do homem ao centro do universo, constrói-se como uma ideia figurada de seu papel dentro da criação, não havendo evidências de sentido literal. Por isso afirmar que ao retirar a Terra de seu lugar central no universo, Copérnico teria como objetivo atacar de alguma forma a religião, ou a ideia do simbolismo do amor entre Criador e criações não é capaz de fixar raízes racionais “Entre os pontos fracos dessa perspectiva, como já se percebe, encontra-se a capacidade de distinguir centralidade figurada e literal: se qualquer das grandes religiões pressupõe que a Humanidade ocupa um lugar central, seguramente só o faz no sentido figurado desse valor, e não no sentido literal da sua localização.” (NUMBERS, 2001, p.71). Da Antiguidade à Idade Média, a localização física da Terra não refletia a sua importância, encontrava-se ao centro sobretudo por ser rude, o seu tamanho desproporcional em comparação aos outros seria um dos motivos de encontrar-se ao centro “Do mesmo modo, S. Tomás de Aquino (1225-1274), o mais destacado filósofo cristão da Idade Média, declarou que << no Universo, a Terra - que todas as esferas rodeiam e que, no que diz respeito a localização, se encontra no centro - é o mais material e rude (*ignobilíssima*) de todos os corpos.” (AQUINO, 1997, p.73). A Terra nunca esteve neste lugar de “destaque”, mas ao contrário, encontrava-se em um dos lugares mais profundos e obscuros do universo, este que seria o real centro do Universo, ao contrário do Sol que permanecia sempre em um local estrategicamente alto, capaz de iluminar até os lugares mais profundos onde sua luz fosse capaz de alcançar. A Terra foi constantemente caracterizada como

uma estrela decadente, que por se encontrar bem ao fundo do sistema solar, estaria em um status rebaixado quando comparada aos outros astros, logo, a ideia de Copérnico de retirar a Terra de seu “centro” e colocar o Sol em seu lugar não deve ser vista de forma alguma como uma forma de despromoção ou retaliação, já que este seria o “pior” lugar do Universo “[...] o facto de a Terra ser elevada daquilo que era então considerado << as partes excrementárias e nojentas do mundo inferior >> não pode ser interpretado, de forma séria, como uma despromoção.” (GALILEI, 1880, p.75).

Importante astrônomo, Galileu Galilei foi constantemente retratado durante séculos como uma das vítimas das Inquisições da Igreja, sendo preso e torturado por advogar a sua teoria acerca do Sistema Solar, baseado nas ideias de Copérnico. Em seus trabalhos, Galileu estava consciente tanto da posição quanto dos movimentos da Terra, mas ao utilizar-se da obra de Copérnico em seus estudos e testes, foi capaz de notar várias inconsistências no copernicanismo, quando analisadas as palavras da própria Escritura “Mais, tinha a perfeita noção do considerável volume de dados desfavoráveis ao copernicanismo provenientes da experiência sensorial direta, da observação astronômica, da física tradicional e das passagens da Escritura.” (NUMBERS, 2012, p.90). Seus avanços e descobertas foram de suma importância para a compreensão do universo em sua quase totalidade, mas também foi alvo de críticas e sobretudo uma forte repressão por parte de uma minoria conservadora formada por seus próprios colegas da área de astronomia e por alguns clérigos, levando a inúmeras denúncias sob a alegação de fornecerem ataques diretos às Escrituras, ataques estes que pouco tiveram formas de sanções punitivas a Galileu quanto à divulgação de suas ideias, mas acabou sendo proibido de advogar as ideias copernicanas

Galileu não foi ele próprio convocado para Roma, em parte porque as testemunhas o ilibaram de culpas, em parte porque as suas cartas críticas não haviam sido publicadas, e em parte, finalmente, porque as suas publicações não continham, nem uma afirmação categórica da teoria de Copérnico, nem uma negação da autoridade científica das Escrituras. (NUMBERS, 2012, p.91).

Apesar da proibição, Galileu buscou novas maneiras de tratar o tema, através de formas não implícitas em um diálogo, contudo, acabou descoberto e julgado. Decorrente desse julgamento, acreditou-se durante muito tempo, que Galileu acabou condenado a uma vida de cárcere após ser severamente torturado durante seu interrogatório decorrente dos documentos que atestam a sua sentença

A impressão segundo a qual Galileu fora preso e torturado permaneceu plausível durante o período de tempo em que as provas principais disponíveis relativamente ao julgamento provinham destes documentos, a sentença e a abjuração. A história permaneceu inalterada até - cerca de 150 anos mais tarde, no caso da tese da prisão, e cerca de 250 anos, no caso da tese da tortura -

vieram à luz documentos relevantes que mostravam que Galileu não sofrera nem uma nem outra. (GALILEI, 1633, p.75).

Quanto às ideias de torura, também não é possível comprová-las, já que não se tem registros de Galileu vivendo o resto de sua vida com quaisquer deformidades ou sequelas provenientes de formas de tortura infligidas contra ele, visto em grande porcentagem das vítimas desses atos crúeis, principalmente em pessoas de mais idade

A forma de tortura mais comum e relevante em Roma, à época, era a <<tortura da corda>>. Consistia em atar os pulsos da vítima atrás das costas, prendendo em seguida os pulsos amarrados à ponta de uma longa corda que passava numa polé pendurada do teto. O torcionário segurava a outra ponta da corda de tal forma que a vítima era suspensa no ar e deixada pendurada por diferentes períodos [...] Devido à severidade da tortura da corda, podemos afirmar com razoável certeza que ela não foi infligida a Galileu. Dada a sua idade avançada, 69 anos, e a sua fragilidade física, teria sofrido danos permanentes nos braços e ombros, mas não há indícios de que tal tenha acontecido. (Numbers, 2012, p.98).

O seu julgamento e as únicas provas provenientes dele foram utilizadas durante séculos por grupos que buscavam disseminar o medo entre os cientistas ao tratar de temas que ferissem a ética religiosa e barrar os ideais do progresso que colidiram de frente com os seus ideais religiosos. A Igreja cumpriu a sua função ao fornecer um julgamento justo a Galileu, contudo, em nenhum momento acabou acatando a sua própria sentença em torturar Galileu para que obtivesse respostas ou mantê-lo em cárcere por advogar as suas ideias, nem sequer buscou utilizá-lo como mártir de seu impiedoso poder, mas as ações de muitos de seus membros acabaram refletindo as ideias de toda uma comunidade.

2.4. A Evolução apresenta um design

Difundida entre os teólogos e até mesmo entre os cientistas, a teologia natural busca fornecer argumentos e elucidar as transformações ocasionadas pela aplicação das leis da natureza, apresentando em sua diversidade de conceitos, um em especial, a existência de Deus

Em termos históricos, *teologia natural* é uma expressão abrangente que tem sido utilizada numa grande diversidade de argumentações. Estas têm variado entre argumentos << ontológicos >> puramente racionalistas, que afirmam que o próprio significado do conceito de Deus enquanto Ser perfeito implica a existência de um tal Ser, com o fundamento de que a existência é um elemento inerente à perfeição, até argumentos << cosmológicos >> que defendem, a partir da contingência do universo, a existência de um << Ser necessário >>. (ROBERTS, 1988, p.193).

Dentro do campo de desenvolvimento teórico-intelectual, a teologia natural tem como conhecimento de primeira ordem *o Argumento do Design* que atua sob duas vertentes

principais: a que expõe as transformações sobretudo no campo da evolução como ocorrências da vontade desse Ser. “Para os proponentes desta forma << utilitária >> do argumento do *design*, cada novo exemplo de adaptação parecia constituir um testemunho suplementar da sabedoria e vontades divinas.” (ROBERTS, 1988, p.193); ou que todas as ações que ocorrem no mundo, somente ocorrem porque foi da vontade desse “Ser” que elas assim acontecessem, logo, sendo consciente de todas as coisas e superior ao próprio conceito de tempo, decretou em seu ato de criação o estabelecimento de todas as leis da natureza responsáveis por direcionar as ações do mundo, sem a necessidade de *intervenções especiais*. “Os adeptos dessa forma << idealista >> de argumento do *design* sustentavam que a história da vida era mais facilmente compreensível enquanto concretização material gradual de um plano premeditado e integrado previamente formulado por uma Divindade benevolente e racional.” (ROBERTS, 1988, p.194). A aplicação de um design coloca em evidência a aplicação de um processo totalmente guiado por um ator principal, não sendo decorrente apenas de processos físicos que atuam sobre o ambiente natural como interpretado por várias teorias, inclusive pela teoria da evolução das espécies de Charles Darwin.

Foi a completa inovação trazida pela teoria de Darwin, aplicada desde o final do século XIX e consagrada pelo campo da biologia como a verdadeira teoria responsável pela explicação da evolução das espécies e um marco central na “derrocada” da teologia natural

Ao fornecer uma explicação naturalista, tanto das adaptações, como da << unidade de tipo >> e outros padrões harmoniosos invocados pelos proponentes da forma idealista do argumento do *design*, a teoria da evolução natural de Charles Darwin (1809-1882) punha em questão tanto o conceito de adaptação por design como a noção de um plano premeditado. (HUXLEY, 1986, p.194).

Apesar das inúmeras tentativas, a teologia natural nunca foi de fato extinta, mantendo o seu desenvolvimento teórico e a elaboração de novas teorias, tendo inclusive muitos teólogos naturais adeptos das ideias darwinistas. Segundo esses autores, a teoria de Darwin apresenta uma inconsistência importantíssima e que de forma alguma pode passar despercebida, esta que é a necessidade de uma “ordem”, que não pode provir do acaso, ela é sobretudo calculada e projetada por “algo” ou por “alguém”, como exposto pelo botânico Asa Gray

Segundo os adeptos deste argumento, embora a teoria da seleção natural de Darwin conseguisse explorar adequadamente a sobrevivência dos mais aptos, não conseguia explicar a origem das variações sobre as quais a seleção natural operava. Em consequência, insistiam no fato de a evolução não poder ser um desordenado << método de tentativa e erro em todas as direções >>, devendo, outrossim, implicar a supervisão de << uma mente diretora >>. (GRAY, 1860, p.195).

A teoria de Darwin para a teologia natural teria um ponto cego, ponto este que serviria perfeitamente a desdobramentos que permitam a inserção de Deus, uma vez que o processo de

evolução é gradativo, apresentando importantes contribuições nas alterações dos fenótipos que auxiliem no desenvolvimento e proporcionam maiores possibilidades de sobrevivência das espécies, logo, diante disso, torna-se inconcebível pensar que todas essas alterações e modificações ocorressem de maneira desenfreada e sem qualquer ordem específica, sem a interferência de um mentor intelectual

O fato de o processo evolutivo parecer ser << progressivo >>, no sentido em que revelava o aparecimento de << espécies com organização cada vez maior >> parecia constituir sustentação suplementar para sugerir que a seleção natural << não só não entra em conflito com o argumento do *design*, mas proporciona uma nova ilustração do mesmo >>. (DIMAN, 1881, p.195).

Quando analisados os grandes eventos históricos que constroem a ideia de um conflito e colocam a ciência invariavelmente como superior à religião, é necessário investigar as raízes dessas ideias e checar sobretudo as fontes históricas existentes, já que a história pode apresentar várias ramificações e vertentes. Este trabalho buscou explorar tais ideias com o objetivo de negar os conflitos, mas sobretudo realizar um diálogo entre ambas as áreas, e será Alvin Plantinga um dos autores principais responsáveis por trazer ao leitor essa integração no capítulo seguinte.

3. Ciência e religião: a existência de um diálogo

3.1. Os responsáveis pela ideia de um conflito

Através dos discursos que exploram com afinco os conceitos de modernidade e progresso, tem-se uma clara distinção entre dois grupos específicos. O primeiro grupo tem em alta consideração a modernidade que se baseia nas ciências buscando acompanhar e desenvolver ao máximo o conceito de progresso em todas as suas áreas, e outro grupo que em pormenor insiste em se manter na ignorância e sempre às sombras da modernidade, estes que se utilizam das crenças religiosas como bases principais

Esta imagen le agrega una nueva dimensión a la idea general según la cual ciencia y religión representan dos culturas completamente diferentes, cuando no hostiles. En ese sentido, es común ver la ciencia y la religión como dos organizaciones rivales de fe, así como dos métodos alternativos de fijación de la creencia. La ciencia, pues, parece estar basada en el discurso racional y la argumentación lógica, mientras que la religión se piensa basada en la mera confianza en la autoridad y la tradición. (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.4).¹

Apesar das inúmeras tentativas de imposição pelas sociedades consideradas “modernas”, tanto a ciência quanto a religião não têm entre os seus objetivos principais excluir-se mutuamente, logo, a ideia de um conflito, aversão e até mesmo repúdio surge como parte da ideia de sociedade moderna, sendo caracterizada como uma de suas várias especificidades, o combate ao tradicionalismo imposto por longas décadas.

Pero la cuestión sobre cómo la ciencia se relaciona con la religión no se refiere solamente a la oposición externa entre diferentes culturas y sociedades: describe un conflicto en el corazón de la sociedad moderna en sí misma. La religión continúa existiendo al interior de las sociedades modernas y su influencia en la política parece incluso estar en aumento. (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.4)²

¹ “Esta imagem adiciona uma nova dimensão à ideia geral segundo a qual ciência e religião representam duas culturas completamente diferentes, quando não hostis. Nesse sentido, é comum ver a ciência e a religião como duas organizações rivais da fé, assim como dois métodos alternativos de fixação da crença. A ciência, pois, parece estar baseada no discurso racional e argumentação lógica, enquanto que a religião seria pensada na mera confiança em autoridade e tradição.” (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.4 tradução nossa).

² “Mas a questão sobre como a ciência se relaciona com a religião não se refere somente a oposição externa entre diferentes culturas e sociedades: descreve um conflito no coração da sociedade moderna em si mesma. A religião continua existindo no interior das sociedades modernas e sua influência na política parece inclusive estar aumentando.” (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.4 tradução nossa).

Compreende-se então que a ideia de conflito é um conceito da modernidade, emergente não com o surgimento das religiões ou mesmo das ciências, mas antes como uma necessidade de manter o controle de todas as ações que estejam dentro de seu alcance, compreendendo as relações e as modificações no meio em que vive.

Richard Dawkins, Daniel Dennett e Paul Draper são autores de teses que tratam principalmente da existência de um conflito, este que não tem como vertente principal um embate entre a ciência e a religião, mas antes um não reconhecimento do status da religião como construtora de conhecimentos e saberes a partir de suas crenças. Ao longo da construção do pensamento racional, desenvolveram-se duas ramificações acerca da criação e do desenvolvimento das espécies: a primeira apresenta o universo e sobretudo seus habitantes como criações de um Deus, este que seria também o responsável pelo estabelecimento de procedimentos que garantem a manutenção e a ordem desse sistema através das leis da natureza em conjunto com suas ações que tem como objetivo principal o bem; a segunda teoria explora a evolução apenas como um processo físico, que ocorre devido às transformações físicas que atuam sobre o ambiente natural, dando ênfase principalmente a um processo completamente aleatório e mecânico, este que não possui uma mente ou qualquer deidade envolvida na sua construção ou desenvolvimento, sendo chamado de “não-intervencionismo”. Dennett, defende com grande empenho a ideia de um desenvolvimento não-intervencionista, acredita que as maravilhas do mundo e o seu design decorrem de pequenos e grandes processos físicos no ambiente natural que ocasionam essas mudanças

Todas as maravilhas do Universo dos seres vivos vieram à existência sem a ajuda de Deus ou de qualquer coisa que se assemelhe a um deus, tudo isso aconteceu unicamente por obra e graça de um processo natural sem intenção alguma. Em um sentido mais amplo, a ideia é que a mente, a inteligência, a antevisão, o planejamento e o *design* só surgiram no Universo em data muito recente, criadas elas próprias pelo processo não-pensante da seleção natural. (DENNETT, 2006, p.44)

Dennett vai ainda mais longe e se comporta com extremismo contra aqueles que se apresentam como contrários às suas ideias, ou ainda insistem em expressar dúvidas quanto à elaboração de um processo não-intervencionista “Com efeito, acrescenta que quem alimenta a menor dúvida sobre esse assunto revela uma ignorância indesculpável: ‘Para dizê-lo de modo indelicado, mas razoável, qualquer pessoa que hoje duvide de que a variedade da vida neste planeta foi produzida por um processo de evolução é simplesmente ignorante - um ignorante indesculpável.’” (DENNETT, 1995, p.45). Os teístas, negam com veemência a teoria de Dennett e de seus sucessores principalmente por suas teorias negarem a existência de um Deus e não por elaborarem um projeto completamente não-intervencionista “De acordo com os teístas, no

entanto, há uma mente que não surgiu da matéria. É a mente primeira: Deus, a mente por excelência, sempre existiu e sempre teve conhecimento e intenções. Deus não surgiu da matéria nem de nada mais e não depende de nada nem de ninguém.” (PLANTINGA, 2018, p.47). Os teístas não negam a existência da teoria da evolução, ao contrário, acreditam que todas as coisas existentes no mundo surgem com um objetivo, por isso a evolução não poderia ser um simples processo cego, não cabe dentro de um mundo com tantas características e complexidades a ideia de aleatoriedade, onde nem mesmo Dennett é capaz de argumentar o surgimento de coisas tão complexas como a mente humana através de um processo tão simplista, e é justamente a partir de exemplos como estes que os teístas encontram falhas no desenvolvimento dessas teorias ao demonstrarem-se incapazes de explicar tais fatos, enquanto que os teístas teriam como explicação para tamanha complexidade a figura de Deus como responsável por guiar e ordenar essas modificações nos momentos ditos como ideais

Locke acreditava que, em um sentido lógico amplo, era impossível que a mente tivesse surgido da matéria “não-pensante”. Por sustentar essa suposição, qual sejam que a matéria e a mente esgotam as possibilidades dos seres concretos, Locke considerava impossível que mentes existam no presente sem que existissem em algum momento no passado; as mentes só podem ser produzidas por outras mentes - ou pela Mente. Locke e outros teístas concordam que a mente é um dado primordial do Universo: Deus - que faz parte do Universo, embora não faça parte do Universo criado - nunca passou a existir, pois sempre existiu; e sempre teve intenções, crenças e objetivos. (PLANTINGA, 2018, p.49).

Grande parte dos autores não-intervencionistas forneceram importantes contribuições para o campo das ciências, contudo, ao buscar meios de se contrapor ou negar a religião extinguindo suas possibilidades de desenvolvimento enquanto saber, tornaram-se objetivos centrais, acarretando em um despreparo por parte dos cientistas no desenvolvimento de suas próprias teorias, como é o caso da evolução não-intervencionista, que possui falhas ao explicar a ocorrência de criações tão perfeitas a partir de processos aleatórios, já que para ser científica, não basta apenas negar hipóteses, é necessário também criar novas e desenvolvê-las de modo que corroborem e deem sentido a sua tese

Dennett e outros defensores da seleção natural não-dirigida tentam *refutar* esses argumentos - demonstrar que eles não provam suas conclusões. No entanto, mesmo que Dennett e os outros logrem êxito em suas refutações, eles apenas demonstram que esses argumentos não funcionam; *não* demonstram que a evolução não dirigida poderia ter *produzido* aquelas características. Caso Dennett e os demais estejam certos, o máximo que se pode dizer, talvez, é que não podemos demonstrar que a seleção natural não-dirigida não produziu essas maravilhas (incluindo a mente). (PLANTINGA, 2018, p.51).

Diante das constantes inconsistências em sua teoria de um processo não-intervencionista, Dennett recorre ao que acredita ser a origem do problema, negando a existência de Deus, como

se este fosse o princípio causador de todas as inconsistências presentes no Universo “Se Deus não existe, deixando de lado algumas possibilidades improváveis, a seleção natural não é dirigida. A segunda linha de argumentação de Dennett, portanto, seria concluir que Deus não existe ou que pelo menos, a noção de que exista é irracional; o teísmo não pode ser aceito por quem pensa direito.” (PLANTINGA, 2018, p.52). Os conhecimentos devem ser fundamentados e desenvolvidos a partir da razão, não há espaço para outras formas de conhecimento como a adivinhação ou a fé. Contudo, semelhante à razão, a fé busca delimitar a sua atuação e construir conhecimentos válidos e precisos. Os cristãos de fato não formulam hipóteses que levam à construção de teorias, mas a fé é notadamente uma fonte de conhecimento, assim como a razão, logo, é de grande interesse dos cristãos realizar um trabalho conjunto com a ciência, desmistificando antigos preconceitos

Os cristãos e outros teístas geralmente acreditam que conhecem pela fé diversas verdades - as doutrinas centrais da fé cristã, por exemplo, entre as quais a encarnação e a expiação - que não estão entre os produtos da razão. Podem também pensar que sabem pela fé que Deus criou o mundo. Portanto, se a vida no mundo realmente veio à existência por meio de um processo de evolução, Deus supervisionou, orquestrou ou dirigiu de alguma forma esse processo. Os crentes estariam, assim, afirmando saber algo além do limite da razão, mas não, como é óbvio, algo que vá *contra* a razão (como vimos não há nada na ciência evolucionista atual que demonstre ou simplesmente dê a entender que Deus *não* supervisionou a evolução). Não estão abandonando a razão mais do que você estaria abandonando a percepção se tivesse confiado na memória, e não na percepção, para saber o que fez ontem à tarde. Não está no escopo da razão sustentar que não há outra fonte, ou crença verdadeira ou avalizada. (PLANTINGA, 2018, p.56).

Por não estarem submetidas à razão, as crenças teístas são capazes de, em dados momentos, superar os limites do conhecimento racional, sem em nenhum momento se colocar como superior a ele, são antes capazes de desenvolver os seus próprios conhecimentos completamente indiferentes à razão, esta que atua apenas como instrumento de auxílio à exploração e construção de seus argumentos para que se torne acessível a todos, até mesmo para aqueles que não acreditam na sua veracidade

Segundo o pressuposto de Locke, é possível, em primeiro lugar, haver crenças religiosas avalizadas, ou racionais, ou justificadas, que vão além da razão, no sentido de não haver bons argumentos racionais (argumentos com base na percepção, na memória, na intuição racional etc.) a seu favor. Mas, em segundo lugar, não se pode aceitar racionalmente nenhuma dessas crenças a menos que se disponha de um bom argumento *racional* - um argumento baseado na razão - para concluir que a crença em questão é avalizada, ou justificada, ou racional. (PLANTINGA, 2018, p.57).

O problema que surge da linhagem de autores como Dennett, é justamente o desenvolvimento do conhecimento voltado exclusivamente para a razão, não oferecendo qualquer abertura para outras formas de conhecimento, e é justamente essa “não abertura” que desqualifica muitos

conhecimentos religiosos, por não serem racionalmente qualificados. A negativa de autores como Dennett a conteúdos construídos pelos teístas apenas torna sua visão mais fechada e rudimentar, negando a sua própria razão ao privar-se de conhecimentos que poderiam contribuir para o seu desenvolvimento intelectual e realizar importantes contribuições, mas realmente seria os conhecimentos científicos capazes de negar a razão?

3.2. A ciência pode anular a religião?

Autores contrários às ideias teístas e à própria religião não têm apenas a ideia evolucionista em alta consideração, para eles o problema do conhecimento religioso é exclusivamente a impossibilidade deste constituir-se como saber. Ele não pode ser considerado “conhecimento”, já que não é passível de verificação

Como es bien sabido, los positivistas lógicos mantuvieron que solo las afirmaciones que pueden ser verificables empíricamente constituyen proposiciones legítimas, es decir, enunciados susceptibles de ser verdaderos o falsos. Toda otra expresión lingüística, como las propias de la metafísica, la moral y la religión, no solo no cuenta con valor cognitivo, sino que simplemente carece de significado: son “pseudo-proposiciones”. (CARNAP, 1993, p.19)³

Se não se porta como suficientemente racional para construir conhecimentos, a religião teria um papel mais humano, voltado a explicar as condições em que o espírito humano se encontra, voltando suas atenções para o campo social, em especial da ética, como exposto por Meléndez; Múnera e Gómez (2017, p.20):

Siguiendo Ludwing Wittgenstein (1989), un influyente grupo de filósofos de la religión declaró que las creencias religiosas no son “teorías” acerca del mundo ni constituyen forma alguna de explicación, pues, como afirmaba el filósofo vienés sobre la ética, “lo que dice[n] no añade, en un sentido, a nuestro conocimiento. Pero es un dato de una tendencia del espíritu humano que yo personalmente no puedo menos que respetar profundamente. (apud WITTGENSTEIN, 1989, p.43).⁴

O grande problema da crença religiosa surge quando teístas afirmam que Deus é capaz de agir no mundo

³ “Como é explorado, os positivistas lógicos sustentam que apenas as afirmações que podem ser verificadas empiricamente constituem proposições legítimas, ou seja, enunciados suscetíveis de serem verdadeiros ou falsos. Qualquer outra expressão linguística, como as próprias da metafísica, da moral e da religião, não só não tem valor cognitivo, mas simplesmente carece de significado: são pseudo-proposições”. (CARNAP, 1993, p.19)

⁴ “Segundo Ludwing Wittgenstein (1989), um influente grupo de filósofos da religião declarou que as crenças religiosas não são “teorias” acerca do mundo e não constituem forma alguma de explicação, pois, como afirmava o filósofo vienense sobre a ética, “o que diz[em] não adiciona, sem certo sentido em nosso conhecimento. Mas é o dado de uma tendência do espírito humano que pessoalmente não posso deixar de respeitar profundamente.” (WITTGENSTEIN, 1989, p.43)

A providência é o poder da onipotente e onipresente de Deus pelo qual ele sustenta, como que com sua mão, o céu, a terra e todas as criaturas, e as rege de tal maneira que as folhas das árvores e da relva, a chuva e a seca, os anos de fartura e escassez, o alimento e a bebida, a saúde e a doença, a prosperidade e a pobreza - todas as coisas, em suma, nos vêm não pelo acaso, mas por obra de sua mão paternal. (HEILDEBERG, 1563, p.72).

Até mesmo dentro das crenças mais básicas entre as religiões, empreende-se necessariamente a existência de um Ser, este que encontra-se como superior a todos os outros indivíduos presentes no mundo. Porque diferente das demais criaturas ele é necessário, a partir de sua existência o mundo existe e juntamente com ele o conhecimento real sobre todas as coisas, este que seria função da religião e constitui as bases do conhecimento teístas, como exposto por Meléndez, Múnera e Gómez (2017, p.23):

Sin embargo, la idea de que la religión dice algo sobre la realidad parece contener un elemento esencial de toda búsqueda religiosa. En efecto, desde el punto de vista del creyente, una creencia religiosa implica siempre y necesariamente una afirmación sobre el modo como son las cosas y, más exactamente, una indicación, al menos, del cómo la realidad última es. Sin la conciencia de semejante pretensión epistémica, ninguna creencia religiosa es propiamente tal. (apud GRIFFITHS, 2001, p.66; MCKIN, 2004, p.131).⁵

Toda a estrutura da crença teísta gira em torno de um Ser cheio de atributos, onde a sua bondade somada a todos os seus poderes são responsáveis por dar origem e sustentar o mundo da forma como ele é hoje, permitindo que ele continue a se desenvolver ano após ano “[...] Deus governa o mundo de tal maneira que tudo o que acontece deve ser entendido como algo que “nos vem por obra de sua mão paternal”. Deus causa ou permite que tudo o que acontece, nada deve ser considerado mero acaso.” (PLANTINGA, 2018, p.73). Todo esse processo permite tornar o mundo previsível aos olhos dos homens, Deus sempre age com regularidade no mundo, e é essa regularidade que traz aos indivíduos segurança para planejar e agir, além de compreender o mundo como ele se apresenta, desde as suas estações, os dias, as horas, o tempo e o próprio espaço

O dia se segue à noite e a noite se segue ao dia; quando há chuva e sol, as plantas crescem; o pão é bom de comer, a argila não; se você soltar uma pedra do alto de um penhasco, ela se movimentará para baixo e não para cima. É somente em razão dessa regularidade que podemos construir casas, projetar e fabricar automóveis e aviões, curar infecções de garganta, plantar e colher ou desenvolver projetos científicos. Com efeito, é somente em razão dessa regularidade que podemos agir de qualquer modo que seja. (PLANTINGA, 2018, p.73)

⁵ “No entanto, a ideia de que a religião diz algo sobre a realidade parece conter um elemento essencial de toda a busca religiosa. Na verdade, do ponto de vista do crente, uma crença religiosa implica sempre e necessariamente uma afirmação sobre o modo com as coisas são e, mais exatamente uma indicação, ao menos de como a realidade última é. Sem a consciência de semelhante pretensão epistémica, nenhuma crença religiosa é propiamente tal. (GRIFFITHS, 2001, p.66; MCKIM, 2004, p.131).

São esses autores que contribuem para a construção histórica de um conflito entre ciência e religião, têm suas visões focadas apenas na objetividade do progresso científico, encontram na religião ameaças na elaboração de uma cientificidade universal, logo seria mais prudente utilizar-se da ciência para anulá-la de vez ou negá-la. A partir desses pensamentos, a ciência sofreu abalos, contudo, poderia a ciência ser capaz de anular a religião como exploram esses autores?.

A ciência pode ser capaz de anular algumas crenças, entretanto, os pensamentos de autores como Dennett não podem anular a religião em si. Dennett reconhece a existência da religião em suas obras, reconhecendo as suas características e aplicações, o problema surge, contudo, quando a religião é vinculada a um Deus. A religião é um empreendimento humano importante, esta que para Dennett existe independente de uma figura divina particular, logo, a religião é uma verdade precisa para Dennett e para a própria natureza, mas a existência de um Deus torna-se obscura, e no caso específico de Dennett irreconhecível, logo, é de fácil compreensão a existência e aplicação da religião, mas não a existência de uma figura como Deus. Segundo o teísmo, Deus traz aos indivíduos a segurança de prever o que irá acontecer. O conhecimento só é possível aos homens porque assim Deus permitiu que fosse, também concede aos homens o direito de acreditar ou não na ocorrência de suas ações no mundo, contudo, a sua ação cria diversos problemas. Um dos grandes problemas analisados tanto pelos cientistas quanto pelos próprios teístas são as ocorrências de uma ação divina particular, os chamados “milagres”. A ciência reconhece a existência das chamadas leis da natureza que governam o desenvolvimento e a conservação do Universo, contudo, não só não reconhece como também critica a existência de um Ser responsável por ordenar tamanhos feitos, logo acreditar ainda que Ele pode agir de modos particulares em determinadas situações traz novas perspectivas para as tentativas de anulação da religião, já que o mundo é naturalmente concebido por estudiosos teístas e não-teístas como uma espécie de sistema fechado e completamente pré-definido. Toda a sua existência já se encontra posta, portanto, não haveria quaisquer outros meios de intervenção no ciclo desse sistema

Ao que parece, Bultman acredita que nenhum poder sobrenatural, nem mesmo o próprio Deus, pode intervir nessa sequência fechada de causa e efeito. Parece endossar, no campo da lei natural, ao que se assemelha ao conceito de lei dos medos e dos persas: Deus talvez tenha criado o mundo e estabelecido seu modo de funcionamento; talvez tenha ordenado e promulgado as leis da natureza, mas depois de fazê-lo, nem mesmo ele pode mais agir nesse mundo. (PLANTINGA, 2018, p.75).

São justamente as ações divinas particulares, os alvos principais de questionamentos dos próprios teístas, estes que avaliam que se Deus, enquanto fonte de tamanho conhecimento e

poder ao ser capaz de realizar ações divinas particulares deveria fazê-lo sempre, não apenas em situações específicas

Não fazem objeção à concepção de que Deus criou o mundo e trabalha em um plano geral, para preservá-lo e sustentá-lo, a objeção deles é a concepção de que Deus às vezes faz algo de especial, algo que vá além da criação e da preservação (e da concorrência), algo como transformar água em vinho, alimentar cinco mil pessoas com uns poucos pães e peixes ou ressuscitar alguém dos mortos. Da perspectiva desses teólogos, o problema é a ação divina *particular*. E, quando falam sobre ação divina particular, estão pensando, entre outras coisas, naquilo que comumente é denominado milagre (aqueles “atos poderosos”) e na intervenção divina no mundo. Segundo eles, Deus não pode fazer algo assim e, se pode, não o faz. (PLANTINGA, 1961, p.76)

Ao criar o Universo, Deus desenvolveu uma série de leis responsáveis por conservá-lo durante a sua existência, e por atuarem em uma espécie de sistema fechado, não seria possível a Deus atuar diretamente e sucessivamente, já que a sua atuação ocasiona modificações dentro desse sistema “Como afirma Gilkey, os “modernos teólogos e acadêmicos (tomam) parte no mundo da ciência” e, por isso, não podem conceber a criação senão como sequências fechadas de causas e efeitos, impermeáveis a toda intervenção ou interferência de seres que estejam fora dele entre os quais o próprio Deus.” (PLANTINGA, 2018, p.77). Ao agir contra as leis da natureza, Deus acaba indo também contra as ciências, já que são essas mesmas leis que fornecem interpretações seguras do mundo. O Universo foi criado por Deus a partir do nada, não havia matéria ou substância, logo gera-se certa incredulidade a afirmação de que Ele próprio não pode atuar em sua criação

Em primeiro lugar, o próprio Newton aceitava (espera-se) a perspectiva newtoniana, mas não aceitava a teologia da não interferência divina. Ao contrário, ele acreditava que Deus dirige providencialmente o mundo e ajusta regularmente a ordem dos planetas. Segundos seus cálculos, se não o fizesse, tais órbitas seguiriam uma trajetória espiral rumo ao caos. O mais importante, no entanto, é o seguinte: de acordo com Newton e sua mecânica atômica, as leis naturais descrevem como o mundo funciona *quando, ou desde que, o mundo seja um sistema fechado (isolado) não sujeito a nenhuma influência causal exterior*. (PLANTINGA, 2018, p.81).

Não é necessário a Deus realizar ações grandiosas, o seu toque pode ser sutil, uma vez que suas ações simples podem também ocasionar mudanças de suma importância. A visão clássica de ciência adota a ideia de um Universo causalmente fechado, porque facilita o emprego do método científico e o seu desenvolvimento, contudo, não é capaz de comprovar que este fecho causal seja de fato verdadeiro, ou que Deus age no mundo sempre. O fato importante a ser ressaltado é que independentemente da ciência possuir ou não um fecho causal, ainda sim Deus seria capaz de agir nesse mundo quando julgasse necessária a sua atuação, por isso, a ciência não poderia negar a existência de ações divinas particulares

Assim concebidas as leis naturais não representam ameaça alguma à ação divina particular. Milagres costumam ser considerados problemáticos porque

se entende que Deus, para fazer um milagre, tem de “violiar”, ab-rogar, suspender, ir contra uma lei natural. No entanto, considerando essa concepção de lei da natureza, a realização de um milagre por Deus não envolve de forma alguma a violação de uma lei natural que é uma ocasião em que Deus faça um milagre é uma ocasião em que o universo não é causalmente fechado; e as leis da natureza nada dizem sobre o que acontece quando o universo não é causalmente fechado. (PLANTINGA, 1982, p.85).

A religião adota uma postura semelhante a um tradutor, já que analisa e interpreta tudo o que pretende dizer, e a partir dessa interpretação, obtém-se todo resultado que permite aos indivíduos entender o seu teor. O mundo e de forma semelhante as ações dos indivíduos podem ser entendidos pelos teístas como sinais dos ensinamentos divinos, estes que através dos ensinamentos divinos, seriam capazes de observar os sinais enviados por Deus e interpretá-los compreendendo o mundo em todas as suas formas. Os não-teístas, ou apoiadores da ciência pontuam que o papel de “desveladora” imposto à religião é visto como irracional e sem qualquer nexos com a realidade. A projeção de um mundo cercado de amor, criado a partir da benevolência de Deus, é antes uma construção social elaborada dentro das sociedades, com o objetivo de estabelecer um equilíbrio entre as relações de poder das grandes massas, ou seja, a religião nasce com um objetivo principalmente social e espiritual, torna-se uma ferramenta de controle populacional baseada no afeto e no receio de punições “divinas”, por isso torna-se fácil confundir um dos papéis originais impostos a religião de estabelecer a paz, o amor e a unidade do mundo, para ser utilizada como forma de coerção populacional, que leve a um caminho benéfico à todos, ou benéfico em grande parte ao grupo dominante que se encontra no poder. Mesmo que escrita por mãos humanas, a Bíblia contém o aval de Deus, através de sua mão sobre os homens, Ele passa seus ensinamentos do certo e errado, do amor e do perdão, dos milagres e da cura das doenças e etc.

Cristãos costumam considerar que, de uma forma ou de outra, a Bíblia tem autoridade e pensam assim porque a veem como palavra especial que o Senhor lhes dirigiu; na perspectiva cristã, Deus é o principal e genuíno autor da Bíblia. É claro que a Bíblia é uma coletânea de livros e cada um desses livros tem um autor humano. Mas Deus usou esses autores, desse modo, o que eles escreveram tem a chancela divina; logo, a Bíblia - a Bíblia inteira - é divinamente inspirada, portanto, seu autor principal é Deus. (WOLTERSTORFF, 1995, p.142).

Quando analisados os contextos históricos da Sagrada Escritura em que a religião encontra-se inserida, a tese de controle social somada à desavença entre ciência e religião acaba perdendo força, em grande parte porque quando analisadas as passagens bíblicas, nota-se que os ensinamentos não aparecem logo de imediato ao leitor, sendo necessário que o mesmo empreenda um determinado período de tempo para a análise de seus significados e do objetivo a que determinada passagem se propõe a ensinar, por isso torna-se difícil aos homens da ciência

compreender tais passagens, uma vez que a razão proporciona uma interpretação unicamente literal de seus textos, analisa as evidências que se apresentam à sua frente, sem abrir espaço para outras possibilidades de interpretação, como cita Plantinga (2018, p.141): “Se pudermos falar com franqueza, aquilo que o crente cristão via como história sagrada é, para o segmento esclarecido de massas contemporâneas, mera fábula.” (apud STRAUSS, 1835, p.141). A razão científica estabelece que a história deve ter uma sucessão cronológica bem definida, com início, meio e fim precisos, sendo capaz de estabelecer origens, processos de continuidade e uma finalidade como expõe Plantinga (2018, p.147) “O método histórico inclui o pressuposto de que a História é uma unidade, no sentido de ser um fluxo contínuo de e fechado de efeitos no qual cada evento está conectado por sucessões de causa e efeito. Tal fluxo contínuo, além disso, não pode ser cortado pela intervenção de poderes sobrenaturais, transcendentais.” (apud BULTMANN, 1960, p.291-2). A religião torna-se aos olhos da razão, como extremamente dependente da fé, a ocorrência de milagres, a atuação de Deus e a própria vida de Cristo enquanto Deus encarnado na Terra, são para o campo racional, eventos vagos e sem qualquer fundamentação racional, elevando a descrença dos não-teístas na religião, e em especial nas ações divinas particulares. Com a interpretação incrédula da religião por parte da ciência quando analisadas as suas Escrituras e as suas próprias bases, torna-se importante questionar “seria possível a ciência anular a religião?”.

No sexto capítulo de sua obra *Ciência, religião e naturalismo: Onde está o conflito?*, Alvin Plantinga questiona se a ciência possui um campo de atuação restrito apenas ao campo da razão. A construção e elaboração de teorias que fornecem as bases de seus conhecimentos somente analisam e corroboram práticas e investigações que tenham um cunho exclusivamente científico formando uma base de conhecimentos, que Plantinga identifica como *Base Evidencial* “Minha base evidencial é o conjunto de crenças que uso ou às quais apelo ao conduzir uma investigação.” (PLANTINGA, 2018, p.154). Mesmo aqueles que se mostram grandes apoiadores das ciências, acreditam ser de ampla importância estabelecer uma divisão definitiva entre os campos da ciência e religião, sobretudo pelas diferenças marcantes em suas origens ou em suas bases evidenciais

Considere que muitos dos que atuam no contexto da crítica histórico-bíblica aceitam pessoalmente a crença cristã em toda a sua extensão, mas separam as suas crenças pessoais, como às vezes denominam, das suas pesquisas das Escrituras. Ao atuarem em pesquisas acadêmicas das Escrituras, eles abrem mão de suas crenças teológicas; põem-nos entre parênteses, deixam-nos de lado. E por que fazem isso? Porque eles acreditam que o esforço para obter uma mentalidade alinhada com os paradigmas da ciência requer essa separação ou dissociação. (PLANTINGA, 2018, p.156).

A base evidencial científica constrói-se sobre a racionalidade, utilizando-se da razão em todos os seus métodos, aplicações e teorias, não deixando espaço para quaisquer formas de conhecimento que apelem para o misticismo ou para a atuação de seres sobrenaturais, como cita Plantinga (2018, p.156)

Mas é claro que o naturalismo metodológico não restringe o nosso estudo da natureza; apenas limita os tipos de estudo que podem ser qualificados como *científicos*. Se alguém quiser buscar outra abordagem da natureza - e há muitas outras -, o naturalista metodológico não terá motivos para objetar. Os cientistas *devem* proceder desse modo; a metodologia das ciências naturais não admite a tese de que determinado evento ou tipo de evento deva ser explicado evocando-se diretamente a ação criativa de Deus. (MCMULLIN, 1991, p.56).

A base evidencial explora e dispersa as ideias chamadas “sobrenaturais”, através da existência de uma divindade, de sua atuação no mundo e principalmente pela ocorrências dos chamados *milagres*, sem colocar-se como contrária ao desenvolvimento ou aplicação das ciências, cenário completamente diferente das ciências quando amparadas pelo Naturalismo Metodológico, este que busca explicar a existência de um mundo sem a presença de Deus ou de qualquer outra criatura sobrenatural “Segundo o NM, o modelo de dados de uma teoria científica adequada não invocará nem a Deus nem a outros agentes sobrenaturais, nem tampouco empregará aquilo que se sabe, ou se pensa saber, por meio da revelação.” (PLANTINGA 2018, p.158). São exatamente essas especificidades nas construções de suas bases evidenciais que determinam que uma não é capaz de anular a outra, ou seja, a base evidencial das ciências mantém suas peculiaridades ao adotar exclusivamente a razão em detrimento de uma completa negativa de tudo aquilo que remonta ao campo do sobrenatural, por isso, não seria capaz de anular a religião, esta que por estabelecer sua base evidencial principalmente na fé e nas revelações não poderia ser anulada porque ambas não partem de uma mesma origem, logo como poderia a ciência que nasce sobretudo anti-religiosa anular a religião se as suas bases não surgem de origens semelhantes ou até mesmo similares? As bases científicas sempre negam a existência de divindades sobrenaturais, apela exclusivamente para a razão e para a utilização de métodos que comprovem suas teorias, além de ter como uma de suas características essenciais contrapor-se a todo aquele que caracteriza o sagrado, por isso é tão natural que esteja sempre em oposição a religião, e é também por isso que não pode anulá-la, já que as suas bases com características tão distintas, não podem referir-se a uma mesma ideia sem que sempre se tenha uma contradição, já que a ciência nem mesmo reconhece a religião como forma de conhecimento, como exemplifica Plantinga a falar da ressurreição de Jesus Cristo:

Tomemos como exemplo a CHB toelstchiana: ela assume, como parte de sua base evidencial, que Deus jamais age no mundo e que os milagres não existem. Mas, desse modo, o mero fato de os que estão engajados em seu empreendimento concluírem que não há milagres - que Jesus não ressuscitou

dos mortos, digamos - não surpreende de modo algum. Como poderia chegar a uma conclusão diferente? Além disso, o fato de chegarem a tal conclusão não é, evidentemente, um anulador da crença cristã de que Jesus ressuscitou dos mortos - essa conclusão é simplesmente consequência da base evidencial com a qual começaram. A conclusão deles, desse ponto de partida, não constitui, em nenhuma hipótese, uma razão para desistir da crença na ressurreição de Jesus ou mitigá-las; não constitui, um anulador dessa crença. (PLANTINGA, 2018, p.161).

Diante da impossibilidade de anular a religião, a ciência se encontra restrita apenas ao campo das probabilidades, ou seja, os conhecimentos construídos pela razão e pela ciência não são capazes de anular as crenças religiosas, mas dentro do seu campo de atuação racional podem estabelecer se tais eventos como os milagres ou a própria atuação divina possuem alto ou baixo grau de ocorrência dentro do mundo natural, criando uma espécie de margem para as suas ocorrências, ou neste caso das impossibilidades de ocorrência

O que ela demonstra em relação à base evidencial do cristão, portanto, é que, da perspectiva de *parte* dessa base evidencial - a parte que coincide com a base evidencial científica -, as conclusões simonianas são prováveis, ou razoáveis, ou dignas de aprovação, ou se inserem na categoria de boa ciência. O que ela demonstra, então, é que, com respeito à parte da base evidencial cristã, algumas crenças do cristão são improváveis. (PLANTINGA, 2018, p.161).

Toda a ideia que engloba a atuação de anuladores surge principalmente pelas distinções marcantes entre fé e razão. A razão aqui, apresenta-se como uma verdadeira máquina de produção de conhecimentos que buscam a verdade, estas que se utilizam de fomentadores científicos para compor a estruturação de suas hipóteses e teorias. A fé não se apresenta como dependente da razão, sua construção simples do conhecimento se apresenta ao homem de maneira natural, como a luz do sol que cobre a terra todas as manhãs, assim são também os conhecimentos provenientes da fé, estes vêm naturalmente à mente dos indivíduos, simplesmente porque é da vontade de Deus que suas criaturas sejam capazes de conhecer. Passadas as ideias de anulação das crenças, Plantinga nota que é possível que se tenha a ocorrência de pequenos conflitos, mas estes apresentam-se como restritos e específicos, por isso, não são capazes de abarcar as grandes áreas das ciências e das religiões totalmente “Como é evidente, isso não significa que haja um conflito entre a fé e a razão. Talvez haja, talvez não; mas o simples fato de as resoluções da fé incluírem proposições que não estão entre as resoluções da razão não demonstra que o conflito exista.” (PLANTINGA, 2018, p.164).

Além da incompatibilidade de crenças teístas e científicas, há também a utilização da teoria do design como nova tentativa de anulação da religião. A chamada teoria do design, explora a ideia de um *designer inteligente* responsável por coordenar todos os atos que atuam sobre o Universo, portanto, a teoria da evolução das espécies de Darwin seria contestada já que o processo de evolução não decorre das características físicas do Universo, mas antes das

vontades de Deus, sendo inconcebível acreditar que a complexidade hoje estudada no passado tenham surgido de estruturas relativamente simples e se modificada a partir de processos físicos aleatórios atuantes em suas estruturas como apresenta Plantinga (2018, p.204):

Um sistema irredutivelmente complexo não pode ser produzido diretamente - ou seja, mediante o aperfeiçoamento contínuo da função inicial, que continua funcionando pelo mesmo mecanismo - por meio de ligeiras modificações sucessivas de um sistema precursor, pois qualquer precursor de um sistema irredutivelmente complexo no qual esteja faltando uma parte é, por definição, não funcional. (apud BEHE, 1996, p.39).

Plantas, animais e os próprios seres vivos apresentam uma série de características que além de complexas em alguns casos são únicas, como as plantas por exemplo, que apesar de serem seres vivos não se movimentam, ou são capazes de gesticular, ou os animais que apesar de serem capazes de se movimentar não são capazes de falar ou formular frases e pensar; e o próprio ser humano capaz de se movimentar, falar, pensar, elaborar frases, teorias, experimentos, sendo capaz de observar essas variações e estudá-las. São todas essas especificidades que geram problemas difíceis de resolver quando baseadas em uma teoria da evolução não-dirigida, já que seria impossível estabelecer características tão específicas e essenciais através de processos químicos ou biológicos aleatórios, por isso a figura de um designer torna-se tão importante. O designer possui um papel ativo, participa dos processos de criação, desenvolvimento contínuo e conservação, é responsável por estabelecer e delimitar a atuação desse processo nos momentos e nas espécies que se apresentam como pertinentes, além de garantir que todos estes processos apresentem de alguma forma regularidade, logo o seu papel é o de mente central dentro deste processo, tornando-se muito difícil, para não dizer impossível utilizar a teoria do design como forma de anular os conhecimentos religiosos, uma vez que a ideia de evolução dirigida não fere as leis da natureza e apresenta explicações que melhor conduzem o processo de evolução, explicando as particularidades existentes. É possível notar a partir de uma base evidencial e do próprio argumento do design que apesar das diferenças entre religião e ciência, esta última encontra sérias dificuldades se o seu objetivo é anular a religião, principalmente quando se apoia na ideia de que suas crenças e conhecimentos não possuem bases racionais e que por isso não forneceriam conhecimentos válidos.

Quando analisadas somente as diferenças principais entre ciência e religião, dispõe-se pequenos conflitos superficiais em ambas as áreas, contudo, se analisados os seus pressupostos quando referentes a áreas específicas semelhantes, é possível notar o surgimento de concordâncias, estas que destacam uma importante convergência que busca encerrar definitivamente a ideia de um conflito. A ciência sempre se apresentou como uma importante disciplina na construção de conhecimentos e na busca por verdades bem fundamentadas, mas

antes mesmo de ser propriamente científica, ela foi em parte também religiosa, já que se desenvolveu em grande parte no teísmo com apoio principalmente da Igreja Católica, importante mecenas na Idade Média, o que representa de certo modo uma desconsideração por parte da ciência desqualificar os conhecimentos da religião, esta que consagrou-se como sua maior incentivadora

É claro que não esperamos que a ciência nos dê a resposta a todas as perguntas, sem exceção. Ela não pode, por exemplo, dizer-nos se a escravidão é errada, embora possa nos ensinar algo acerca das consequências sociais ou econômicas da escravidão. Não temos a expectativa de que a ciência nos diga se o cristianismo cristão, por exemplo, é verdadeiro: esse assunto não lhe diz respeito (do mesmo modo, não faz sentido afirmar que, agora que temos a ciência, não precisamos de outras fontes de conhecimento, como a religião. (PLANTINGA, 2018, p.239).

O ponto crucial para que se alcance o conhecimento decorre quase que integralmente do intelecto, este que é formado no ser humano justamente pela ideia do *imago dei*, o fato dos humanos terem sido criados à imagem e semelhança de Deus. Para que se possa conhecer e desenvolver os conhecimentos ditos científicos é necessário o uso do intelecto, este dado por Deus ao ser humano, logo falando de forma literal e de fácil compreensão, a ciência trabalha em conjunto com a religião para que seja possível ao homem formar conhecimentos

Essa doutrina do *imago dei*, a concepção de que fomos criados à imagem de Deus, tem vários aspectos e facetas, mas tem um aspecto que vem ao caso de modo crucial no presente contexto: a concepção de que Deus é um ser dotado de conhecimento, na verdade, é o supremo conhecedor. Deus é onisciente, ou seja, conhece todas as coisas; para qualquer proposição *p*, sabe se *p* é verdadeira ou não. Os seres humanos, portanto, criados à imagem dele, também podem conhecer muito de seu mundo, de si mesmo e do próprio Deus. (PLANTINGA, 2018, p.239).

Todo este processo somente seria possível porque as ideias da criação se encontram presentes na mente de Deus, por isso, suas criações seriam capazes de conhecer e compreender suas ideias e o próprio mundo, processo esse primordial para o desenvolvimento das ciências “A concepção básica é simplesmente que existe uma harmonia entre nossas faculdades cognitivas ou intelectuais e a realidade, concebida como a totalidade de coisas existentes, que nos capacita a saber algo - na verdade bastante - sobre o mundo e também sobre nós mesmos e o próprio Deus.” (PLANTINGA, 2018, p.240). Toda essa ordem de construção de conhecimentos possíveis ao intelecto depende também de outro fator para que possa ocorrer, fator este formado pela previsibilidade das ações de Deus, estas que permitem a interpretação de suas ações e estabelecer uma regularidade de grande importância para o homem em seu próprio desenvolvimento intelectual e de descobertas do mundo

Não há dúvida de que poderia haver criaturas dotadas de faculdades cognitivas completamente diferentes, capazes de prever o curso dos acontecimentos de uma maneira que nós não conseguimos; isso seria ótimo, mas a ciência, tal

como é praticada, requer que o mundo seja previsível pela operação de *nossas* faculdades. Além disso, ela requer mais que regularidade; requer que *acreditemos* ou *suponhamos* explicitamente que o mundo é regular. (WHITEHEAD, 1925, p.242).

Dentro desse cenário, que engloba desde o intelecto até a previsibilidade, reconhece-se que Deus é um criador que tem em mais alta consideração a razão do que a vontade. Deus é sim dotado de vontades, essas que são sempre voltadas para o bem, a verdade e a justiça, contudo, a sua racionalidade antecede a vontade, para assim o mundo continue a evoluir gradualmente em todos os aspectos e ainda sim se mantenha previsível aos indivíduos, Ele se utiliza antes de sua razão como instrumento de criação do mundo como ele é, da criação das leis da natureza para que o universo se conserve e se sustente. A vontade teria momentos em que torna-se superior à razão, contudo, esses momentos são raros, ocorrem sob a denominação de intervenção pessoal divina, os chamados *milagres*, estes que não ocorrem com grande frequência por causarem alterações nas ordens já implementadas pelas leis da natureza. Analisadas as particularidades em ambas as áreas, onde se tem em alta consideração a construção do conceito do *imago dei*, ou da imagem e semelhança de Deus para com suas criações e a análise dos ditos momentos cruciais do desenvolvimento das ciências como superiores, empreende-se que grande parte da construção histórica de um conflito perpassa desde interpretações equivocadas de historiadores que exaltam a ciência e colocam a religião como algoz responsável pela demonização dos conhecimentos científicos, quando se tem registros da mesma sendo uma das principais financiadoras do desenvolvimento das ciências; da religião como perseguidora de importantes figuras na evolução das ciências como Galileu Galilei, este que apesar de julgado em nenhum momento foi torturado ou de fato aprisionado pela Igreja por propagar ideias modernas até mesmo para as ciências de sua época e acima de tudo as incessantes tentativas da religião de desqualificar os conhecimentos científicos, sendo a religião alvo constantes destes ataques até os dias atuais. Fica claro então a inexistência de qualquer conflito, logo, se ciência e religião não buscam se opor ou estabelecer quaisquer formas de conflito, resta então saber se há então algum conflito que justifique a idealização de um embate entre essas áreas?

3.3. O Naturalismo gera um conflito?

Associado ao campo filosófico, o termo “naturalismo” abrange diferentes concepções, contudo é apenas o naturalismo metafísico que destaca a natureza como único princípio da

realidade. A natureza representa a totalidade do mundo, por isso representa o único princípio de fato existente do real, logo, não haveria outras realidades que não a natureza. Estabelecida a natureza como fonte única e última da natureza da realidade, a existência de uma dualidade no mundo pregada pelo teísmo *natureza-espiritualidade* torna-se impossível, somente a natureza é capaz de dar origem ao mundo e estabelecer o seu desenvolvimento e organização por processos naturais dentro de sua ordem de atuação, através das chamadas leis da natureza. No cenário filosófico, o naturalismo metafísico exerce papel de prestígio, sobretudo no campo de filosofia analítica

A grande maioria de filósofos anglo-americanos alegam ser naturalistas ou estar propondo uma teoria naturalista de um conflito filosófico chave (digamos, conhecimento) ou domínio (por exemplo, discurso ético). Naturalismo se tornou o slogan em nome do qual a vasta maioria dos trabalhos em filosofia analítica é feito. (DE CARO; MACARTHUR, 2004, p.16)

Grande parte dos chamados “cientistas” exaltam o naturalismo por duas razões particulares: a primeira decorrente da exaltação da ciência feita pelo naturalismo como sendo a única forma possível de se obter conhecimento, e a segunda remonta a sua aversão ao sobrenatural

Como foi possível antecipar, o Naturalismo guarda uma relação de oposição ao teísmo. [...] aquele pode ser caracterizado por dois temas: o primeiro é a exaltação da ciência como única forma de conhecimento confiável: e o segundo é a rejeição da existência de seres sobrenaturais, conseqüentemente, a rejeição das visões de mundo religioso. (SILVEIRA, 2014, p.18).

A ciência consagrou-se como expressão máxima de conhecimento, elevando o seu status a um grau tão elevado que nem mesmo seus eventuais fracassos pudessem detê-la de ascender, foi capaz inclusive de substituir a própria filosofia, esta que por se utilizar em grande medida da especulação conceitual não fornece qualquer forma de precisão em seus conhecimentos, diferente da utilização da razão em processos experimentais, este que traz formas precisas e bem delimitadas do conhecimento

Com o impulso fornecido por Kant e anteriormente por Hume, a filosofia passou a ceder espaço para a ciência. Em primeiro lugar, a metafísica foi deixada de lado para dar lugar à física moderna. A especulação *a priori* sobre a estrutura ontológica do mundo em que consistia a metafísica levou a diversos becos sem saída e se mostrou infrutífera. Só havia um modo de conhecer o *modus operandi* do mundo: através da experiência, e a ciência construiu-se sobre as melhores práticas experimentais. (SILVEIRA, 2014, p.20).

O naturalismo empreende uma árdua tarefa ao colocar-se como contrário à religião, principalmente quando invoca a sua oposição a tudo aquilo que não pode ser categorizado dentro dos espectros da natureza. O homem somente pode conhecer aquilo que está presente no meio em que ele se encontra inserido, logo a natureza seria não apenas de seu completo conhecimento, mas algo que lhe seria natural conhecer, representando o oposto da religião, esta que por manter fortes laços com o misticismo não se limita apenas ao âmbito natural, mas

apenas com conceitos que exigem uma maior compreensão do intelecto e da própria natureza categorizando o sobrenatural

Além de uma elevada estima pelas capacidades da ciência de conhecer e definir a realidade, o Naturalismo é também conhecido pela sua oposição ao sobrenatural. Conforme mencionado anteriormente, ao invés de fornecer uma definição positiva do que significa natureza, muitos filósofos se conformam em oferecer uma definição negativa: natureza é tudo que não é "sobrenatureza". O espectro do sobrenatural, contudo, nunca é bem delimitado. (SILVEIRA, 2014, p.27).

Da mesma forma que os avanços alcançados pelo naturalismo são notáveis, de forma semelhante a sua busca em consagrar-se como antirreligiosa também é. O naturalismo não busca apenas negar ou desqualificar as crenças produzidas pela religião, mas antes, busca negar todos e quaisquer vestígios da religião, principalmente quando esses indícios demonstram-se favoráveis à existência de um Deus, como cita Silveira (2014, p.28) ao elucidar o que seria o conceito de naturalismo. "...o pensamento de que não existe nenhuma pessoa como Deus, ou qualquer coisa semelhante a Deus. Naturalismo é mais forte que o ateísmo: você pode ser um ateu sem subir as maiores alturas (descer os mais fundos abismos?) do naturalismo, mas você não pode ser um naturalista sem ser um ateu." (apud PLANTINGA, 2011, p.IX).

A existência de um conflito entre religião e naturalismo já está mais que evidente, construindo uma forte ideia de comunhão entre naturalismo e ciência

De todos modos, más allá de la discusión filosófica, el naturalismo se ha instalado en algunos sectores muy influyentes del pensamiento como la visión dominante o por defecto, una especie de ortodoxia no sólo de la filosofía sino también de buena parte de la cultura científica. Para comprobarlo basta asomarse a las líneas editoriales de las grandes revistas científicas, que muestran lo que resulta aceptable proponer en un contexto científico. (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p145)⁶

Plantinga, contudo, vai além e afirma haver também um conflito "profundo" entre ciência e naturalismo "O fato é que há um profundo mal estar, uma profunda discordância, um conflito profundo entre o naturalismo e a ciência. Afirmando, em específico, que há um conflito profundo e irremediável entre o naturalismo e a evolução e, conseqüentemente, entre o naturalismo e a ciência." (PLANTINGA, 2018, p.273). Plantinga deixa claro que todas as nossas faculdades cognitivas são cercadas de potencialidades, o teísmo por exemplo, quando empreende a vontade de Deus ao conhecimento estimula o desenvolvimento dos aparatos cognitivos a um destino comum, o conhecimento e conseqüentemente ao desenvolvimento das ciências e suas

⁶ "De qualquer maneira, além da discussão filosófica, o naturalismo foi instalado em alguns setores muito influentes do pensamento como visão dominante ou por defeito, uma espécie de ortodoxia não só da filosofia mas também de boa parte da cultura científica. Para constatá-lo, basta olhar as linhas editoriais de grandes revistas científicas, que mostram o que é aceitável propor em um contexto científico. (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.145)

aplicações. O naturalismo, não fornece aplicações com a mesma precisão científica. Apesar de apresentar-se como ramo da ciência, o naturalismo empreende um desenvolvimento completamente voltado para a natureza, todos os seus desdobramentos ocorrem de maneira natural ao indivíduo e ao ambiente em que está inserido, a sua razão provém da natureza, é possível ao naturalismo comprovar o seu desenvolvimento a partir das leis da natureza, contudo, o naturalismo apesar de empreender grandes esforços não é capaz de empreender respostas que negam de fato a existência de outras formas de conhecimento que julgam não aceitáveis ao desenvolvimento do conhecimento que não seja através da natureza

Mientras, la afirmación, aún implícita, de que existe una divinidad personal distinta del mundo se considera no solo extracientífica, sino, en muchas ocasiones, directamente en conflicto con la ciencia, tesis que presuponen una ontología naturalista, como la exclusión de que existe la libertad o de que las convicciones religiosas son un producto del cerebro sin valor cognitivo, resultan aceptables. (MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.145).⁷

Plantinga dá destaque à memória, à percepção, à intuição e etc. como potencialidades cognitivas, e destaca que a partir do teísmo o indivíduo reconhece-se como semelhante ao seu Criador em diversos aspectos, entre eles o intelecto, por isso seria possível aos homens conhecer, porque Deus conhece todas as coisas e assim permitiu de igual forma aos homens a capacidade de também conhecer

Visto afirmar-se que o ser humano é à imagem de Deus porque tem uma natureza que inclui um intelecto, tal natureza se maximiza em virtude de ser mais capaz de imitar a Deus. “Quando Tomás de Aquino diz que nossa natureza inclui um intelecto está claro que ele pretende reafirmar a concepção de que nossas faculdades cognitivas são, no geral, confiáveis.”(AQUINO, 2006, p.276).

O conhecimento emergente de uma figura divina, apresenta ao indivíduo uma infinita fonte de aprendizagem confiável, uma vez que em sua bondade Deus não deseja que o indivíduo se engane. Para a perspectiva naturalista, o desenvolvimento do intelecto e das próprias faculdades cognitivas torna-se fonte de grande mistério, principalmente quanto a confiabilidade de todo este processo “Mas suponhamos que você seja um adepto do naturalismo: você acha que Deus não existe e que nós e nossas faculdades cognitivas fomos formados pela seleção natural. Poderá então afirmar, de modo racional, que nossas faculdades cognitivas são, no geral, confiáveis?”

⁷ Enquanto a afirmação ainda implícita de que existe uma divindade pessoal distinta do mundo é considerada não só extracientífica, mas, em muitas ocasiões diretamente um conflito com a ciência, teses que pressupõe uma ontologia naturalista, como a exclusão de que exista a liberdade ou de que as convicções religiosas são um produto do cérebro sem valor cognitivo, são aceitáveis.(MELÉNDEZ; MÚNERA; GÓMEZ, 2017, p.145).

(PLANTINGA, 2018, p.276). Um dos grandes problemas encontrados na construção do naturalismo é a adoção da seleção natural sem nenhum acréscimo, esta que oferece um processo de evolução às cegas, utilizando-se principalmente de eventos aleatórios em seu desenvolvimento. Essa aleatoriedade dos processos não traz contudo quaisquer garantias de previsibilidade do resultado, logo, como o aparato cognitivo resultante poderia ser confiável?. A resposta é simples, ele não pode. A explicação naturalista do surgimento do aparato cognitivo gera um interessante atrito com a ciência, esta que requer sempre a utilização de métodos experimentais capazes de fornecer sobretudo respostas concretas, previsíveis e confiáveis

Em primeiro lugar, a probabilidade de nossas faculdades cognitivas serem confiáveis, considerando a evolução, é baixa (de modo não muito preciso, mas sugestivo, se o naturalismo e a evolução fossem ambos verdadeiros, nossas faculdades cognitivas provavelmente não seriam confiáveis). Mas então, de acordo com a segunda premissa do meu argumento, se creio tanto no naturalismo quanto na evolução, tenho um *anulador* do pressuposto intuitivo de que minhas faculdades cognitivas são confiáveis. Se, porém, tenho um anulador *dessa* crença, tenho um anulador de *qualquer* crença que eu considere ser produzida pelas minhas faculdades cognitivas. Isso significa que tenho um anulador dessa crença de que o naturalismo e a evolução são verdadeiros. Em outras palavras, minha crença de que o naturalismo e a evolução são verdadeiras me oferece um anulador, dela mesma. A crença dá um tiro no próprio pé e é contraditória. Portanto, não posso aceitá-la racionalmente. (PLANTINGA, 2018, p.276)

Analisando a perspectiva naturalista é possível assegurar um processo de evolução das espécies com notório desenvolvimento das aptidões físicas, porém, outras aptidões que vão além do campo físico, como o intelecto capaz de conhecer o mundo confiavelmente, encontram dificuldades em se posicionar dentro deste cenário de inconstâncias e incertezas. De uma perspectiva filosófica, a ciência encontra problemas na utilização do naturalismo, já que diante das infinitas possibilidades que a ciência apresenta ao trabalhar em conjunto com o teísmo, o mesmo não ocorre com a mesma frequência no naturalismo, uma vez que a ciência não se beneficia em grande parte de sua ação em conjunto. A ciência precisa da utilização de métodos científicos, que recorrem sempre aos aparatos cognitivos em seu desenvolvimento, o naturalismo pelo contrário, apesar de ser uma das ramificações da ciência, não tem a aplicação de métodos em alta consideração, e os seus aparatos decorrem exclusivamente de processos aleatórios, por isso não fornecem qualquer confiabilidade deste processo ou de sua atuação. O naturalismo expressa sua força de atuação máxima através das leis da natureza atuantes sobre o mundo físico. Uma espécie de embate se torna possível justamente pela aplicação de processos aleatórios utilizados pelo naturalismo na explicação sobretudo do desenvolvimento dos aparatos cognitivos e no processo de evolução, a existência de potencialidades cognitivas que recorrem ao acaso não gera precisão ou mesmo confiabilidade neste processo, logo, o

próprio naturalismo torna-se contraditório ao buscar formular teorias precisas, a partir de bases que não podem consagrar-se como precisas, já que não expressam quaisquer formas de confiabilidade na construção de um processo decorrente do acaso, por isso é naturalmente contraditório colocar o naturalismo como fonte de conhecimento preciso, quando a formulação de suas teorias parte de aparatos cognitivos, estes, importantes ferramentas na construção de teorias que se desenvolvem do acaso, da aleatoriedade, sem qualquer finalidade específica como visto no teísmo que tem a vontade de Deus destinada ao conhecimento, por isso é natural aos homens conhecer. Naturalismo e ciência apresentam muitas características semelhantes, e importantes contribuições conjuntas, mas é a falta de utilização de um método que torna evidente as suas diferenças, não sendo suficiente para originar um conflito, já que os limites impostos entre ciência e religião que dão origem a desavenças é acima de tudo um problema filosófico e não de fato científico.

CONCLUSÃO

Após esta árdua e interessante discussão, empreende-se que a ideia de um conflito dificilmente pode ser empreendida como verdadeira para este trabalho. Muitos autores acreditam e exploram a tese de um conflito, contudo, partindo da análise da discussão proposta por este trabalho, o conflito é visto como inexistente, um mito acerca das relações estabelecidas entre ciência e religião. Apesar da contemporaneidade apresentar fortemente a ideia de um conflito, este se dá sobretudo por questões que pouco envolvem os seus desenvolvimento e desdobramentos, têm em grande parte dos casos cunho exclusivamente político-social, travando um embate que busca a superioridade de uma área, mas antes a conservação e preservação de privilégios ocasionados por uma área específica, neste caso a ciência em sua mais alta consideração.

Os objetivos dessa dissertação são compreender os motivos que levaram ao desenvolvimento de um conflito, e de que formas essas alegações são contornadas, colocando ciência e religião não como opostas, mas como apoiadoras e influenciadoras, com pontos de convergência comuns.

No primeiro capítulo, argumentamos que a religião consagrou-se exclusivamente como construção histórico-social que privilegia os conceitos de ética e moralidade. A grande causadora de todos os males e principalmente de todos os ataques infligidos pela religião contra a ciência, seriam orquestrados pelas Igrejas, estas Instituições de grande poder secular dentro das comunidades durante vários séculos. Seria a sua busca por auto-preservação e conservação do seu poder político econômico sobretudo na Idade Média, responsável por ocasionar as inúmeras proibições, restrições e inclusive as mais notórias perseguições da história, como o caso de Galileu Galilei, Nicolau Copérnico e Charles Darwin. A Igreja encontrava-se abaixo apenas do rei, a sua influência seria então capaz de dizimar qualquer aplicação ou tentativa de progresso das ciências.

No segundo capítulo, argumentamos que o papel anteriormente dado no primeiro capítulo e posteriormente ao longo de grande parte da história das religiões e sobretudo das Igrejas como perseguidoras ao desenvolvimento das ciências pouco ou em nada reflete a sua real atuação histórica em todo este processo. É inegável que ciência e religião nem sempre entram em consenso acerca dos mesmos temas, contudo, toda a influência exercida pelas Igrejas não se direcionou a barrar o desenvolvimento das ciências, mas antes a impulsionar todo esse salto de desenvolvimento e progresso alcançados pelas ciências. As Igrejas tornaram-se importantes apoiadoras ao processo de desenvolvimento e progresso das ciências, não apenas

financeiramente através dos altos investimentos prestados aos estudos e desenvolvimento de métodos científicos, mas sobretudo ao apoio prestado ao desenvolvimento e disseminação desses conteúdos através do desenvolvimento das Universidades, importantes pólos de conhecimento, onde se tinha em alta consideração o desenvolvimento das ciências naturais e não da teologia, esta que pouco era vista dentro das sociedades. Por fim, a desmistificação de importantes períodos da história ajuda a consagrar a existência de um conflito, já que a perseguição seguida da prisão de Galileu, a perseguição a Darwin após a publicação da obra *A Origem das Espécies*, influenciam até os dias atuais a visão que os historiadores têm da relação entre ciência e religião.

No terceiro e último capítulo, é nítido a inexistência de quaisquer formas de construção teórica de um conflito neste trabalho, logo, seria interessante pensar outras formas de existência de um conflito, onde se tem como resposta imediata o Naturalismo metodológico. Apesar da sua aproximação com a ciência, o naturalismo ainda sim mantém fortes diferenças com a ciência sobretudo pela não utilização de um método que se assemelha ao método científico, a sua pretensa utilização de processos físicos que recorrem exclusivamente a aleatoriedade traz além de uma visão ateísta que nega a intervenção de qualquer ser sobrenatural, a falta de uma especificidade em todo o seu processo de atuação, e essa falta de especificidade abre brechas de interpretação que o naturalismo não é capaz de solucionar, o que não basta para negar por completo a religião e de forma semelhante não traz a construção gradual e racional de métodos que a qualifiquem como racionalmente científica como a ciência, mas que apesar dessa falta de qualificação, em nenhum momento a coloca em conflito com a ciência. Por isso é importante salientar que este trabalho não reconhece quaisquer formas de conflito, seja entre ciência e religião, ou ciência e naturalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PLANTINGA, Alvin. **“Ciência, religião e naturalismo: onde está o conflito?”**. Tradução de : Marcelo Cipolla. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- RUSSELL, Bertrand. **“Religião e Ciência”**. Tradução de: Maria Cecília Figueiredo; Valéria de Fátima Vieira; Iulo Feliciano Afonso. 1.ed. Ribeirão Preto, SP: Funpec Editora, 2009.
- NUMBERS, Ronald L. (org) **“Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião”**. Tradução de: Jorge Lima. 1.ed. Lisboa, Portugal: Gradiva, 2012.
- HARRISON, Peter. **“Os territórios da ciência e religião”**. Tradução de: Djair Dias Filho. 1.ed. Viçosa, MG: Ultimato, 2017.
- MELÉNDEZ, Raúl; MÚNERA, Luis Fernando; GÓMEZ, Carlos Miguel. **“Ciencia o religión? Exploraciones sobre las relaciones entre fe y racionalidad en el mundo contemporáneo”**. 1.ed. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario - Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2017.
- HERRERO, Xavier. **“Ciência e religião”**. *Perspectiva Teológica, Brasil*, v.18, n.45, p.235-245, jan. 1996. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1882>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- SILVEIRA, Rodrigo Rocha. **“Natureza, ciência e religião: uma avaliação do naturalismo”**. Tese de mestrado em Filosofia - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, p.16-32, 2014.